



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LINGUAGEM E CIÊNCIAS HUMANAS - DLCH
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS

JACKELYNE FEITOSA MENEZES

**MAPEAMENTO DOS TOPÔNIMOS EM LIBRAS DA REGIÃO GEOGRÁFICA
INTERMEDIÁRIA DE MOSSORÓ**

CARAÚBAS - RN

2023

JACKELYNE FEITOSA MENEZES

**MAPEAMENTO DOS TOPÔNIMOS EM LIBRAS DA REGIÃO GEOGRÁFICA
INTERMEDIÁRIA DE MOSSORÓ**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras Libras.

Orientadora: Profa. Ma. Jéssica Girlaine Guimarães Leal.

CARAÚBAS - RN

2023

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

MM543 Menezes, Jackelyne Feitosa.
m Mapeamento dos topônimos em Libras da região
geográfica intermediária de Mossoró / Jackelyne
Feitosa Menezes. - 2023.
91 f. : il.

Orientador: Jéssica Girlaine Guimarães Leal.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Letras/Libras,
2023.

1. toponímia. 2. língua de sinais. 3.
onomástica. 4. Libras. 5. Rio Grande do Norte. I.
Leal, Jéssica Girlaine Guimarães , orient. II.
Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Biblioteca Campus Caraúbas
Bibliotecária: Dalvanira Brito Rodrigues
CRB: 15/700

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

JACKELYNE FEITOSA MENEZES

MAPEAMENTO DOS TOPÔNIMOS EM LIBRAS DA REGIÃO GEOGRÁFICA INTERMEDIÁRIA DE MOSSORÓ

Monografia apresentada à Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como exigência
parcial para obtenção do título de Licenciada
em Letras Libras.

Aprovada em: __17__ / __05__ / __2023__

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 JESSICA GIRLAINE GUIMARAES LEAL
Data: 17/05/2023 17:00:59-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof^a. Ma. Jéssica Girlaine Guimarães Leal
Orientadora – UFERSA

Documento assinado digitalmente
 ALEXANDRE MELO DE SOUSA
Data: 17/05/2023 21:57:16-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa
Membro Examinador – UFAC

Documento assinado digitalmente
 JOSE EDNILSON GOMES DE SO...JUNIOR
Data: 18/05/2023 09:08:59-0300
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Me. José Ednilson Gomes de Souza Júnior
Membro Examinador – UFSC

*“Dedico esse trabalho ao meu bem, apoio
fundamental para a conclusão da minha
graduação”*

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, gostaria de expressar minha gratidão a Jeová, que guiou meus passos e foi minha força durante toda a minha trajetória. Em segundo lugar, gostaria de agradecer a Maria Tainara, que se tornou a pessoa mais importante ao longo desse processo. Obrigada por permanecer presente mesmo à distância, por me confortar durante as crises de ansiedade, por acreditar em mim e me apoiar em tudo, por me incentivar a crescer a cada dia e por nunca ter deixado eu desistir em nenhum momento. Sua presença e apoio foram fundamentais para minha jornada, e sou imensamente grata por tê-la em minha vida.

Minha profunda gratidão aos professores que fizeram parte da minha formação, desde o ensino básico até a graduação. Em especial, quero destacar alguns que tiveram um impacto significativo em minha trajetória. A Selma Bessa, que acreditou em mim e me incentivou a seguir meus sonhos, suas palavras “Jackelyne vai ser o que ela quiser ser” ecoam em minha mente até hoje e me motivam a seguir em frente. A professora Eliana Nunes, que durante o ano em que os livros didáticos não foram disponibilizados, fez questão de me emprestar os seus próprios livros, o que me permitiu dedicar-me mais aos estudos.

Agradeço a Jimerson Vasconcelos, um professor excepcional de sociologia e filosofia, que por meio de suas aulas e debates instigou minha curiosidade e senso crítico, me inspirando a buscar conhecimento e ampliar minha visão de mundo.

À Iasmin Marinho, professora do curso de pedagogia na UERN, onde tive a oportunidade de ser sua aluna durante a minha breve passagem pela instituição e que com suas aulas e conversas fora da sala de aula, me encorajou a enfrentar meus medos e me deu confiança para cursar a graduação que eu tanto queria em outra cidade. Agradeço a todos esses professores, e muitos outros que não foram mencionados aqui, por terem dedicado seu tempo e energia para me ajudar a alcançar meus objetivos acadêmicos e pessoais.

Agradeço à minha família que me apoiou ao longo dessa jornada. Em especial, gostaria de agradecer às minhas tias Andreia e Regicleide, que são exemplos inspiradores de professoras que um dia quero me tornar. Também sou grata às minhas primas Maria Holanda, Sabrina Menezes e Priscila Menezes, que me acolheram no início dessa luta no momento em que eu mais precisei. Não posso deixar de agradecer a minha prima Maria da Glória (Nenis), que sempre esteve presente em todos os momentos, como uma amiga, irmã e confidente, compartilhando comigo todas as experiências desses 5 anos. Ao meu querido e amado primo Pedro Arthur.

Agradeço a família que me acolheu no meio dessa trajetória, Mirian Ferreira, Rita Ferreira e o Matheus Ferreira. Vocês foram fundamentais nesse processo, me dando suporte, conselhos e torcendo por mim. Sem a ajuda de todos vocês, eu não teria conseguido chegar tão longe. Muito obrigada!

Agradeço a família que construí na Residência Universitária. Vocês foram mais que amigos, tornaram tudo mais leve e acolhedor durante essa jornada universitária. As noites viradas no banco da pracinha foram inesquecíveis, onde dividimos nossas experiências e frustrações na universidade. Além disso, os rolês para tomar umas e esquecer os problemas, as confraternizações, brincadeiras e comemorações também ficarão marcadas para sempre em minha memória. Aproveito para fazer um agradecimento especial ao meu grupinho, composto por Johnata Sousa, Maria Eduarda, Hadassa Juliana e Filipe Ribeiro, eu amo vocês.

Agradeço a Raquel Lopes, que se tornou uma amiga muito importante nesse período. Seus conselhos e puxões de orelhas foram extremamente valiosos para mim. Também gostaria de fazer um agradecimento especial a minha amiga Thayane Gabrielly, que nos últimos meses tem me apoiado e acreditado em mim em todos os momentos. Suas mensagens de apoio vieram sempre no momento certo, sem ela ao menos saber.

Sou muito grata ao meu grupo “Nós 9” composto por Paula Gleide, Jeferson Ferreira, Fabrina Tawanny, Érika Moraes, Paula Santos, Adriana Monteiro, Vitória Marinho e Maria Mariana. Esses amigos que desde a primeira semana de aula se juntaram e se tornaram apoio uns aos outros até o final.

Agradeço também a toda a equipe da Coordenadoria de Assuntos Estudantis - COAE, que me acompanhou desde o primeiro período, em especial a Anne Karoline (assistente social) e Ana Paula (psicóloga). Elas foram responsáveis por me garantir todo o suporte necessário para a minha permanência na universidade.

Agradeço à minha orientadora, que aceitou dividir esse trabalho comigo e foi além da orientação acadêmica, me dando conselhos e suporte emocional durante todo o processo.

Agradeço à Banca Examinadora por ter aceitado o convite de participar desse momento tão importante e por contribuir com o meu trabalho.

“Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias.”

Paulo Freire

RESUMO

A pesquisa teve origem na necessidade de registros dos topônimos do interior do Estado do Rio Grande do Norte. O objetivo do estudo é analisar 10 sinais toponímicos da região geográfica intermediária de Mossoró quanto aos aspectos formais e motivacionais, a fim de promover a valorização, a acessibilidade linguística e a ampliação dos estudos linguísticos da Libras. A toponímia em Libras nomeia os espaços na perspectiva dos sujeitos surdos, na sua língua. A coleta dos sinais foi realizada por meio de entrevistas com membros da comunidade acadêmica do curso de Licenciatura Plena em Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) *Campus* Caraúbas, mapeando-se os sinais de dez cidades da região. Os 10 sinais coletados foram classificados de acordo com a taxonomia toponímica estabelecida por Dick (1990), com a adição da taxa proposta por Souza-Júnior (2012) o “grafotopônimo”, e suas formações com base em Sousa (2019). Os resultados da pesquisa revelaram que a maioria dos sinais toponímicos coletados apresenta uma ampla disseminação dentro da comunidade entrevistada, porém alguns ainda carecem de um maior conhecimento. A classificação das taxas identificadas revelou uma diversidade motivacional significativa dos topônimos na região. Dos sinais toponímicos analisados, 8 seguem a estrutura lexical da Libras, enquanto apenas 2 mostram a influência da língua portuguesa. Esses resultados indicam que os sinais estão cada vez mais se desvinculando da influência anteriormente bastante presente do português na Libras. Além disso, a pesquisa identificou variações nos sinais utilizados por usuários da Libras em 6 cidades diferentes, evidenciando uma diversidade de sinais na região.

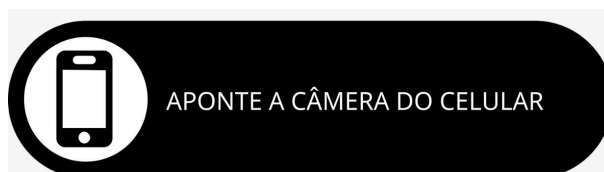
Palavras-chave: toponímia; língua de sinais; onomástica; Libras; Rio Grande do Norte.

ABSTRACT

This paper comes from the shortage of records of toponyms in the interior of the Brazilian State of Rio Grande do Norte. The purpose here is to identify ten toponymic signs in Brazilian sign language - Libras from the intermediate geographical region of Mossoró in terms of formal and motivational aspects, in order to promote the appreciation, linguistic accessibility and expansion of linguistic studies of Libras as well. Toponymy in Libras names spaces from the perspective of deaf subjects, in their own language. The signs collection was carried out through interviews with members of the academic community of the Licentiate Degree in Libras at Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) Campus Caraúbas, mapping the signs of ten cities around the region. These collected signals were classified according to the toponymic taxonomy established by Dick (1990), with the addition of the tax proposed by Souza-Júnior (2012), and their formations based on Sousa (2019). The survey results revealed that most toponymic signs collected have a wide dissemination within the interviewed community, but some still need more knowledge. The classification of identified taxes obtained revealed a significant motivational diversity of toponyms in the region. However, from the toponymic signs analyzed, eight of them follow the lexical structure of Libras, while only two show the influence of the Portuguese language. These results show us that the signs are increasingly becoming detached from the previous influence of Portuguese in Libras. In addition, the research identified variations in the signs used by Libras users in 6 different cities, also showing a diversity of signs in the region.

Keywords: Toponymy; Sign language; Onomastics; Libras; Rio Grande do Norte.

RESUMO EM LIBRAS



Link de acesso: <https://youtu.be/JAiqm2koQs8>

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	46 configurações de mãos	30
Figura 2	–	64 configurações de mãos	31
Figura 3	–	Tipos de movimento	32
Figura 4	–	Formação dos topônimos	39
Figura 5	–	<i>Campus</i> Caraúbas	44
Figura 6	–	Imagens apresentadas para a identificação do topônimo Angicos	45
Figura 7	–	Sinal Angicos/RN	51
Figura 8	–	Alofone no sinal da cidade Angicos/RN	51
Figura 9	–	Variação 1 do sinal Angicos/RN	52
Figura 10	–	Variação 2 do sinal Angicos/RN	52
Figura 11	–	Sinal Apodi/RN	53
Figura 12	–	Alofone 1 no sinal da cidade Apodi/RN	53
Figura 13	–	Alofone 2 no sinal da cidade Apodi/RN	53
Figura 14	–	Sinal Caraúbas/RN	54
Figura 15	–	Alofone no sinal da cidade Caraúbas/RN	55
Figura 16	–	Sinal Felipe Guerra/RN	55
Figura 17	–	Sinal Governador Dix-Sept Rosado/RN	56
Figura 18	–	Portal da cidade Governador Dix-Sept Rosado	56
Figura 19	–	Alofone no sinal da cidade Governador Dix-Sept Rosado/RN	57
Figura 20	–	Sinal Janduís/RN	58

Figura 21	–	Variação 1 do sinal Janduís/RN	58
Figura 22	–	Variação 2 do sinal Janduís/RN	59
Figura 23	–	Sinal Martins/RN	59
Figura 24	–	Variação do sinal Martins/RN	60
Figura 25	–	Sinal Mossoró/RN	60
Figura 26	–	Variação sinal Mossoró/RN	61
Figura 27	–	Sinal Patu/RN	62
Figura 28	–	Serra de Patu	62
Figura 29	–	Variação 1 do sinal Patu/RN	63
Figura 30	–	Variação 2 do sinal Patu/RN	63
Figura 31	–	Sinal Pau dos Ferros/RN	64
Figura 32	–	Variação sinal Pau dos Ferros/RN	64
Figura 33	–	Sinal Martins na pesquisa de Souza-Júnior	66
Figura 34	–	Sinal Patu na pesquisa de Souza-Júnior	66

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	–	População surda no Brasil em 2010	18
Gráfico 2	–	População surda no Rio Grande do Norte em 2010	19
Gráfico 3	–	Respostas obtidas por cidade	65
Gráfico 4	–	Distribuição dos topônimos quanto às suas formações	67

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	–	Região geográfica intermediária de Mossoró	22
--------	---	--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	–	Nomenclatura de classificação toponímica	36
----------	---	--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	American Sign Language
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FDSRN	Federação Desportiva de Surdos do Rio Grande do Norte
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
Libras	Língua Brasileira de Sinais
TILSP	Tradutor e Intérprete de Libras - Língua Portuguesa
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
1.1 Contextualização	18
1.2 Problemática	21
1.3 Justificativa	23
2. OBJETIVOS	26
2.1 Objetivo geral	26
2.2 Objetivos específicos	26
3. HISTÓRIA DOS SURDOS NO BRASIL	27
4. LIBRAS E OS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS	29
5. TRAJETÓRIA DO ESTUDO TOPONÍMICO	34
6 LIBRAS E OS ESTUDOS TOPONÍMICOS	37
7. PERCURSO METODOLÓGICO	42
7.1 Tipo de pesquisa	42
7.2 Lócus da pesquisa	43
7.3 Seleção dos topônimos	44
7.4 Instrumento de coleta	44
7.5 Sujeitos da pesquisa	45
8 ANÁLISE DOS DADOS	47
8.1 Entrevista com os participantes	47
8.1.1 Entrevistado - A1	47
8.1.2 Entrevistado - A2	47
8.1.3 Entrevistado - A3	47
8.1.4 Entrevistado - B1	48
8.1.5 Entrevistado - B2	48
8.1.6 Entrevistado - B3	48
8.1.7 Entrevistado - C1	48
8.1.8 Entrevistado - C2	49

8.1.9 Entrevistado - C3	49
8.1.10 Entrevistado - D1	49
8.1.11 Entrevistado - D2	49
8.1.12 Entrevistado - D3	50
8.2 Sinais dos toponímicos	50
8.2.1 Cidade Angicos	50
8.2.2 Cidade Apodi	52
8.2.3 Cidade Caraúbas	54
8.2.4 Cidade Felipe Guerra	55
8.2.5 Cidade Governador Dix-Sept Rosado	56
8.2.6 Cidade Janduís	57
8.2.7 Cidade Martins	59
8.2.8 Cidade Mossoró	60
8.2.9 Cidade Patu	61
8.2.10 Cidade Pau dos Ferros	63
9. RESULTADOS E DISCUSSÕES	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	70
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA ALUNOS SURDOS E OUVINTES ...	75
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA PROFESSORES DO LETRAS LIBRAS	77
APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA TILSP DA UFERSA CARAÚBAS	78
APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE	79
ANEXO A - FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS	81

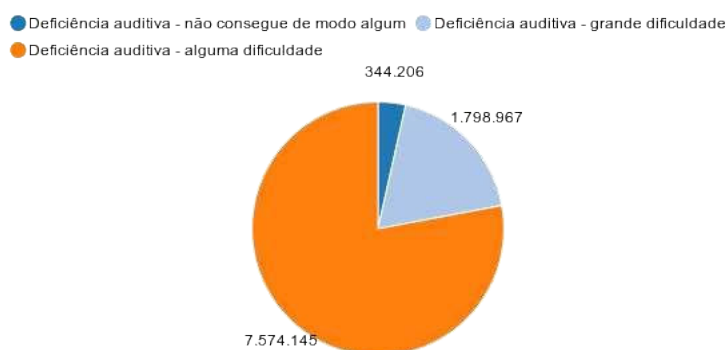
1 INTRODUÇÃO

Este capítulo tem como objetivo fornecer uma visão geral da contextualização, da problemática e das justificativas que sustentam e motivam o desenvolvimento desta pesquisa. Nele, serão apresentados os principais conceitos e argumentos que embasam a escolha do tema e a relevância do estudo.

1.1 Contextualização

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no censo de 2010¹, o Brasil possuía 190.755.799 habitantes e aproximadamente 9,7 milhões de entrevistados responderam que possuíam algum grau de deficiência auditiva, ou seja, 5% da população, sendo 344.206 o número de pessoas que responderam não conseguir ouvir de modo algum, conforme pode ser visto no gráfico 1.

Gráfico 1 - População surda no Brasil em 2010



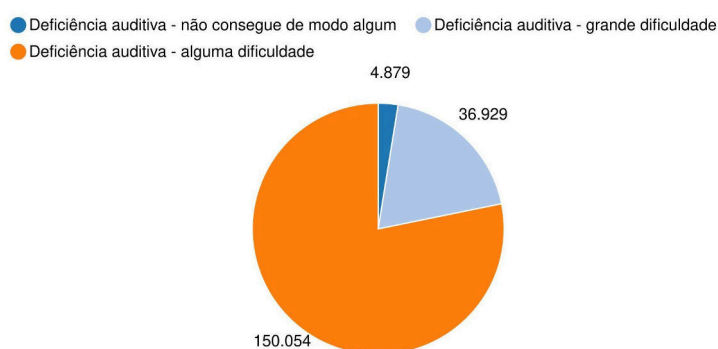
Fonte: IBGE - Censo Demográfico (2010).

Analisando os mesmos dados no estado do Rio Grande do Norte, o censo de 2010 contabilizou a população em 3.168.027 de habitantes, cerca de 6% da população responderam

¹ Utilizamos os dados do Censo Demográfico de 2010, já que até o término desta pesquisa, os resultados do Censo de 2020 ainda não haviam sido divulgados.

que tinham algum grau de deficiência auditiva, sendo 4.879 o número de pessoas que não conseguiam ouvir de modo algum, o gráfico 2 mostra esses números. É através da língua que os sujeitos constroem sua identidade, no caso dos surdos a sua língua natural é a língua de sinais. Porém, é importante destacar que esse número não representa o número de usuários da Libras no Brasil. Existem diferentes formas de comunicação que os surdos podem utilizar, como a leitura labial, a escrita, a comunicação gestual ou a combinação de diferentes métodos, dependendo das preferências e das experiências individuais de cada pessoa surda.

Gráfico 2 - População surda no Rio Grande do Norte em 2010



Fonte: IBGE - Censo Demográfico (2010).

A Língua Brasileira de Sinais foi reconhecida como a língua da comunidade surda brasileira pela Lei 10.436/02, o que foi um grande marco na história da comunidade surda. A partir da criação dessa lei, os surdos puderam reivindicar seus direitos enquanto cidadãos, para ter acesso à educação, saúde e lazer. Na área da educação, após o decreto N° 5.626/05 começou a ser exigido a presença de um intérprete para garantir a acessibilidade, até então inexistente, pois os surdos que frequentavam as escolas sofriam por não entenderem as explicações, por não terem acesso às informações através da sua própria língua, com a falta de um profissional que pudesse traduzir as aulas, pela falta de conhecimento dos profissionais que constroem a equipe escolar sobre a surdez e suas especificidades. Dessa forma os alunos surdos não obtinham uma real compreensão dos conteúdos curriculares escolar, eram progredidos de série sem realmente obtiverem o conhecimento necessário para isso e como se dava o processo avaliativo.

A Lei 10.436/02 ainda é insuficiente, pois apenas a reconhece como a língua da comunidade surda e não a oficializa como língua, trazendo uma apagamento da sua história, como explica Baalbaki e Rodrigues (2011, p. 143):

Com a designação “meio legal”, silencia-se a oficialização da LIBRAS, língua de uma minoria. E ao silenciar a oficialização, o termo “meio” parece remeter a sentidos como “recurso”, “dispositivo”, “estratégia”, “instrumento” que permite a comunicação, mas nega-lhe a amplitude conceitual do que se designa como “língua”, facultando sua redução a um código e, por conseguinte, promovendo o apagamento de sua historicidade.

Essa mesma lei, no seu Art. 4º, parágrafo único diz: "A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.", isso levanta uma outra problemática, os surdos precisam aprender uma língua de forma escrita que possuem estrutura gramatical e modalidade diferente da Libras, enquanto o português é uma língua oral-auditiva, a Libras é visual-espacial, então sua aquisição é bastante dificultosa.

Ainda sobre isso Baalbaki e Rodrigues (2011, p. 144) diz “Legalmente, como a língua do sujeito surdo não é a oficial, a única língua que lhe pode conferir cidadania é a língua portuguesa”, pois no país em que vive os documentos são redigidos em português, além de outras modalidades, como por exemplo o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que é necessário ser feito uma redação de forma escrita em português, sendo uma das principais notas do exame, o que pode ser uma grande barreira para o sujeito surdo conseguir ingressar em uma universidade.

Essa falta de valorização legal da Libras, junto a anos de proibição e intolerância ao uso da língua de sinais, refletem no atraso nos estudos linguísticos da Libras. Além disso, existem pelo menos mais dois agravantes, o primeiro é a precarização do ensino básico que é bastante evidente em nosso país, atingindo estudantes ouvintes e principalmente os surdos, que recebem a educação por meio da língua oral, mesmo hoje com um grande avanço nas conquistas da comunidade surda, uma grande parcela dos alunos surdos ainda não possuem o acompanhamento do Tradutor e Intérprete de Libras - Língua Portuguesa², doravante TILSP, em sala de aula.

Contudo, mesmo aqueles que têm esse acompanhamento possuem um prejuízo na educação comparado aos ouvintes, pois, não recebem os conteúdos na sua língua, não tendo uma relação direta aluno-professor, havendo assim uma perda nas informações, por isso, os alunos surdos da rede regular da educação acabam por ter uma educação desigual.

² O Tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa é o profissional mediador entre pessoas surdas e ouvintes em diversos contextos, como eventos, reuniões, palestras, escolas, entre outros. Seu trabalho consiste em traduzir ou interpretar a Libras para o português e vice-versa, proporcionando às pessoas surdas a comunicação e o acesso a informações e serviços disponíveis na sociedade.

O segundo agravante é a falta da curricularização da Libras na educação básica, que inviabiliza um melhor acesso a Libras pelas crianças surdas, que diferente das ouvintes que são bombardeadas pela língua oral desde o seu nascimento e se intensifica ao entrar na escola já nos anos iniciais. E também impede que haja uma real inclusão social, pois, a Libras é como os surdos se comunicam, a falta de conhecimento da língua por parte dos ouvintes impossibilita que haja diálogo e é uma grande barreira para os surdos ocupar vários espaços da sociedade, não havendo de fato uma integração desses sujeitos.

Essa falta de inclusão dos surdos nos debates escolares, de acesso às disciplinas em sua língua, contribuíram com o atraso no que se diz respeito a criação de sinais³ nas mais diversas áreas da educação, é com a participação dos surdos nas discussões e no acesso a informações que existe a necessidade de criar os sinais das terminologias específicas dessas áreas. Por isso, essa pesquisa se justifica nessa necessidade de difundir os vocábulos de uma área específica, a fim de contribuir com a comunicação e vida acadêmica dos alunos surdos.

1.2 Problemática

A pesquisa surgiu a partir da necessidade de registros dos topônimos da região geográfica intermediária de Mossoró⁴, no qual, percebemos nitidamente a escassez desse conhecimento em vários espaços, podemos citar:

No âmbito acadêmico, pois ao longo da graduação em Letras Libras, sentimos a necessidade do conhecimento dos sinais dos topônimos para as discussões em sala de aula, bem como para troca de experiências entre alunos e professores em relação a determinadas cidades da nossa região.

Outro profissional que foi atingido por essa escassez é o TILSP. O profissional que atua na Universidade, tem o importante papel de mediar as informações passadas entre professor e aluno, como também entre os alunos surdos e ouvintes. Durante a interpretação o TILSP precisa ter conhecimento específico dos sinais a serem utilizados para haver uma melhor compreensão, por isso, ter acesso a um material de apoio é de extrema importância para a preparação antes da execução da interpretação e assim atender as necessidades interpretativas.

³ Enquanto as línguas orais utilizam as palavras, as línguas de sinais utilizam os “sinais” para substituir as palavras.

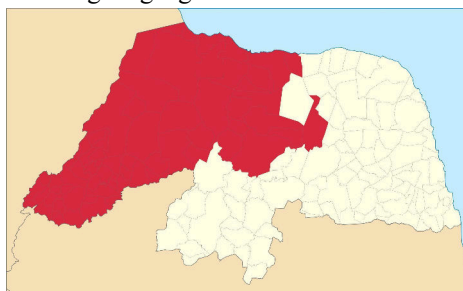
⁴ As regiões geográficas intermediárias são uma divisão territorial para organizar e agrupar municípios de forma intermediária entre as divisões estaduais e municipais.

Além dos TILSP, os alunos surdos e ouvintes também têm a necessidade de saber os sinais de determinadas terminologias acadêmicas para uma melhor comunicação e compreensão, porém, nota-se a dificuldade e escassez de material que abordem sobre isso.

No espaço familiar, a grande maioria dos surdos são oriundos de famílias ouvintes, onde grande parte busca a sua reabilitação, perdendo assim muito tempo em busca de alternativas na comunicação, na tentativa frustrada de “recuperar” a audição dos filhos, muitas vezes incentivados pelos próprios médicos, causando um contato tardio com a Libras. Ademais, são poucas as famílias que aprendem a Libras para manter uma comunicação plena com os surdos, isso é prejudicial visto que a aquisição da linguagem pelas crianças, tem seu primeiro estímulo despertado na interação com os pais no cotidiano, porém, com essa falta de conhecimento da Língua de Sinais por parte dos pais ouvintes, leva a uma aquisição tardia da língua de seus filhos. Dessa forma, os surdos filhos de ouvintes estarão expostos a cultura dos ouvintes, consequentemente ocorre a não apropriação de uma cultura surda. Além disso, quanto maior o tempo que o surdo demorar a ser exposto a Língua de Sinais, menor será o *input* (tudo o que recebe: palavras, frases, diálogos, etc.), afetando o processo de aquisição da língua (QUADROS, 2017).

No mapa 1, podemos visualizar o território da região geográfica intermediária de Mossoró, que de acordo com o IBGE (2017) abrange 68 municípios. Embora seja uma área considerável, segundo a Federação Desportiva de Surdos de Rio Grande do Norte (FDSRN), existem somente cinco associações de surdos nesta região. As associações de surdos são espaços políticos onde as pessoas surdas se unem para lutar por seus direitos, mas também se tornam importantes lugares de interação, desenvolvimento de habilidades críticas e compartilhamento de conhecimento entre os próprios surdos. Infelizmente, a maioria das cidades nessa região não possui uma comunidade surda consolidada, o que dificulta a aquisição da língua de sinais pelos surdos locais e, consequentemente, a difusão dos sinais utilizados na região.

MAPA 1: Região geográfica intermediária de Mossoró



Fonte: Wikipedia.org (2018).

Na educação básica, os estudantes surdos enfrentam desafios devido à falta de consolidação da sua língua e à escassez de materiais de estudos acessíveis. A maioria desses materiais está disponível apenas em português, o que limita o contato dos estudantes surdos com os múltiplos gêneros textuais acadêmicos. Além disso, é importante destacar que a educação básica atualmente não oferece o ensino da Libras em sua grade curricular, o que dificulta sua difusão entre os ouvintes e limita seu acesso a uma parcela maior da população. Ao ingressarem em cursos de graduação, como é o caso da Licenciatura em Libras na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), muitos estudantes surdos e ouvintes enfrentam desafios decorrentes de uma base frágil, caracterizada pela escassez de vocabulário e falta de conhecimento sobre os gêneros acadêmicos. Esses obstáculos dificultam o processo de aprendizagem dos alunos, comprometendo seu desempenho ao longo do curso. Nesse sentido, é necessário que os docentes trabalhem de forma mais intensa para compensar essa deficiência e garantir uma oportunidade de aprendizado igualitário.

Diante de tais necessidades, a questão que move a presente pesquisa é saber: Quais são os sinais utilizados pela comunidade acadêmica do curso de Licenciatura em Letras Libras da UFERSA Caraúbas, para os topônimos da região geográfica intermediária de Mossoró?

1.3 Justificativa

Segundo Strobel (2009), a história da educação dos surdos no Brasil, começou em 1855, com a chegada do professor surdo Eduardo Huert com a autorização do imperador D. Pedro II. Porém, como já vimos anteriormente, antes da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, a Libras não era reconhecida oficialmente, isso se refletiu também no âmbito acadêmico, como resultado desse atraso, havia escassez de estudos e pesquisas na área. Entretanto, a situação mudou com a crescente discussão e difusão acerca da Libras, especialmente após a criação dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Letras Libras.

Embora o número de pesquisas sobre a língua tenha aumentado, ainda há poucos estudos realizados na área de linguística da Libras em comparação a produção acadêmica de outras línguas. Isso demonstra a necessidade de mais pesquisas e mapeamento dos sinais utilizados para promover uma melhor compreensão e valorização da Libras. Em sua pesquisa sobre os estudos linguísticos da Libras no Brasil, Quadros (2013) identificou que ao buscar pelos termos ‘Libras’ e/ou ‘língua de sinais’ no Banco de Teses da CAPES (Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), havia apenas 59 dissertações de mestrado e 17 teses de doutorado na área de Linguística/Letras.

No entanto, ao realizar uma nova pesquisa quase 10 anos depois, utilizando os mesmos meios de busca, foram encontradas 469 dissertações de mestrado e 135 teses de doutorado, evidenciando um grande aumento na produção acadêmica na área. Apesar disso, quando comparado com as pesquisas realizadas em outras línguas, como o português e o inglês, a discrepância é significativa, o que destaca a necessidade de mais investimentos na produção acadêmica da Libras.

O decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004, trata da necessidade do serviço de interpretação no atendimento de pessoas surdas, além da presença física de intérpretes em eventos científicos e culturais e da janela com intérpretes.

Com o decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005, houve uma mudança significativa no contexto acadêmico, pois, observou-se um maior número de surdos nesses espaços. Ao chegarem nas escolas, os surdos são expostos a novos conteúdos com linguagens científicas, o que pode ser uma dificuldade para a comunicação desses sujeitos. Por exemplo, ao se depararem com a disciplina de Geografia e conceitos técnicos da área, tanto o aluno surdo quanto o intérprete devem saber os sinais relacionados a essa área. Com isso, surge a importância da busca de materiais em Libras com esses sinais, caso não haja, se faz necessário a criação dos sinais para essas terminologias e a documentação para a difusão no território brasileiro (QUADROS, 2014).

Analisando essa trajetória histórica, percebemos que houve uma demora de quase um século e meio, desde a chegada do professor Huert, até a legalização da Libras. Essa demora provocou grandes impactos na educação dos surdos, pois acarretou em anos de falta de acessibilidade e inclusão dos sujeitos surdos nos espaços acadêmicos, consequentemente no mercado de trabalho.

Existe a ausência de uma catalogação de sinais toponímicos do interior potiguar. Com essa pesquisa será possível mapear sinais dos topônimos utilizados em nossa região, assim registrando para conhecimento das pessoas da própria região, que ao usarem em sua comunicação, possibilita que haja a difusão desses sinais em toda a comunidade local e até mesmo por outras regiões do país. Esse trabalho de mapeamento e registro de sinais, pode ser utilizado para criação de bancos de dados, glossários, contribuindo para a inclusão dos surdos em diversas áreas da sociedade, como afirma Nascimento (2016, p. 52):

As terminologias das mais diversas áreas técnicas e científicas têm sido organizadas em léxicos, dicionários e glossários nas Línguas de Sinais. Isto se deve às conquistas de inclusão social dos surdos, que têm ocupado ambientes em que o vocabulário de LS precisa ser ampliado para a plena participação dos surdos, principalmente, nos espaços acadêmicos e técnicos.

Esta pesquisa contribuirá significativamente nos âmbito acadêmico, pessoal e profissional. No âmbito acadêmico, a pesquisa possibilitará o aprimoramento do conhecimento dos termos utilizados na Libras, contribuindo para a compreensão das aulas e apresentação de trabalhos, além de colaborar para os estudos linguísticos da área. No âmbito pessoal, a pesquisa ajudará a esclarecer dúvidas e curiosidades sobre os sinais das cidades da região, contribuindo para a formação pessoal como indivíduo inserido na comunidade surda. Na esfera profissional, esta pesquisa será valiosa para os estudantes de Letras Libras, que se tornarão futuros profissionais e atenderão a comunidade surda dessas cidades. O registro toponímico também beneficiará todos os profissionais TILSP e surdos de todas as idades e lugares, além de ouvintes aprendizes da língua. Sendo assim, este trabalho contribuirá positivamente para a sociedade de forma geral.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

- Mapear os topônimos na Libras da região geográfica intermediária de Mossoró.

2.2 Objetivos específicos

- Identificar quais são os topônimos utilizados pela comunidade acadêmica local;
- Analisar os topônimos quanto os aspectos formais e motivacionais;
- Registrar os topônimos para uma melhor difusão.

3. HISTÓRIA DOS SURDOS NO BRASIL

Pesquisas apontam que o início da língua de sinais no Brasil se deu no final do século XIX. Segundo Strobel (2009), a história da educação dos surdos no país, começou em 1855, quando o professor surdo Eduardo Huert chegou ao Brasil com a autorização do imperador D. Pedro II para criar uma escola para surdos. Em 26 de setembro de 1857, o Instituto Imperial de Surdos-Mudos foi inaugurado no Rio de Janeiro, e agora é conhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), sendo a principal referência de ensino para a comunidade surda do Brasil.

D. Pedro II que com a lei nº 839, de 26 de setembro de 1857, fundou no Rio de Janeiro, o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, sob a influência do diretor do Instituto Bourges, de Paris, Ernest Huet. Cem anos após sua fundação, pela lei nº 3.198, de 6 de julho de 1957, a instituição passou a se chamar Instituto Nacional de Educação dos Surdos. (INES) (PEREIRA, 2008, apud CRUZ, 2016, p. 377).

Em 16 de maio de 1987, foi fundada a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS, visando defender a comunidade surda e seus direitos. Desde a sua criação, vem desempenhando um papel importante na propagação da Libras e na luta pela inclusão dos surdos no mercado de trabalho, buscando sempre a valorização dos trabalhadores surdos. Apenas no dia 24 de abril de 2002, por meio da Lei Nº 10.436 a Libras foi reconhecida como meio legal de comunicação e sistema linguístico:

Art. 1ª É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002)

Após 2 anos, o decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004, foi criado para estabelecer normas e critérios para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência. No caso dos surdos e deficientes auditivos, o decreto trata da necessidade do serviço de interpretação no atendimento dessas pessoas, além da presença física de intérpretes em eventos científicos e culturais e da janela com intérpretes.

O decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005, trouxe mudanças significativas no contexto acadêmico, pois, os surdos começaram a ser incluídos nesses espaços. O decreto aborda diversos temas, incluindo a difusão da Libras como meio de acesso à educação, a formação de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa e o direito à educação das pessoas surdas ou com deficiência auditiva.

Antes da criação da Lei N° 10.436 e dos decretos citados anteriormente, o trabalho de tradução e interpretação de Libras era feito informalmente, na maioria das vezes por familiares dos surdos que os acompanhavam nos diversos setores da sociedade. Após a oficialização da Libras, esse trabalho foi possível ser formalizado, principalmente após a criação da Lei N° 12.319 de 1° de setembro de 2010, que regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete de Libras.

Podemos perceber então um grande atraso de séculos desde a chegada do professor francês Eduard Huert até o reconhecimento legal da Libras e o início da garantia plena dos direitos dos surdos na sociedade.

4. LIBRAS E OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

As línguas de sinais diferem das línguas orais, pois enquanto as línguas orais são produzidas e recebidas pela modalidade oral-auditiva, as línguas de sinais se baseiam na modalidade visual-espacial. Para Quadros e Karnopp (2004, p. 30) “As línguas de sinais são consideradas línguas naturais e, conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação [...]”. Essas características próprias tornam a sua gramática diferente, porém, assim como as línguas orais, possui fonética, fonologia, morfologia, sintaxe e semântica.

Os estudos linguísticos das línguas de sinais tiveram início em 1960, com o professor linguista William Stokoe, em sua monografia intitulada *Estrutura da língua gestual*. Neste trabalho, o pesquisador apontou que a American Sign Language (ASL) seria dividida em três parâmetros, que ao se juntarem apresentariam um significado, são eles: configuração de mão, localização e movimento. Essas unidades foram chamadas de *quirema*, conforme a semelhança ao papel desempenhado pelos fonemas nas línguas orais. Além disso, no mesmo trabalho, o autor criou um sistema de notação e esboçou dezenove configurações de mão diferentes, doze localizações distintas e vinte e quatro tipos de movimentos como os componentes básicos dos sinais (QUADROS E KARNOPP, 2004).

Os estudos linguísticos das línguas de sinais foram ganhando mais força e se expandindo, tempos depois pesquisadores identificaram mais dois parâmetros na composição das línguas de sinais. Battison (1974) defendeu a inclusão da orientação de mão como parâmetro, pois identificou a existência de sinais cujo significado se alterava com a mudança da orientação e Baker-Shenk e Cokely (1980) a inclusão das expressões não manuais (expressões facial/corporal). Totalizando assim 5 parâmetros: configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressão facial/corporal, as regras gramaticais da língua de sinais são estruturadas a partir desses parâmetros.

Existe o mito de que a língua de sinais é uma língua universal, porém, igualmente as línguas orais, as línguas de sinais variam em cada país, tendo uma organização própria, por isso a importância dos estudos linguísticos da Libras. Kumada (2016) exemplifica essa variação:

Mesmo que diferentes línguas orais tenham descendido do latim, tais como o italiano, o português, o espanhol e o francês, sabemos que, por serem línguas vivas, há grande diferença entre tais sistemas linguísticos que foram se transformando ao

longo dos anos e ganhando novas características. Da mesma forma, como você aprendeu, muitas línguas de sinais provieram da língua de sinais francesa, berço da escolarização de surdos, cujos educadores foram enviados para diferentes países, difundindo o método visual. Contudo, Quadros e Karnopp (2004) destacam a existência de pesquisas que já denotam que, embora historicamente relacionadas, por exemplo, a língua de sinais americana e a língua de sinais francesa já apresentam menos de 30% de sinais semelhantes.

Devido a isso, veremos a seguir um pouco sobre o conceito de cada um desses parâmetros e seus estudos na Libras, informações importantes para a análise dos sinais coletados nesta pesquisa.

Configuração de mão se trata das diversas formas que os dedos e as mãos se dispõem durante a realização dos sinais. No Brasil, Lucinda Ferreira Brito, foi pioneira na investigação linguística sobre as unidades mínimas que compõem a fonologia da Libras. Em 1995 publicou um livro intitulado *Por uma Gramática de Línguas de Sinais*, que identificou quarenta e seis configurações de mãos (CM) conforme a figura 1.

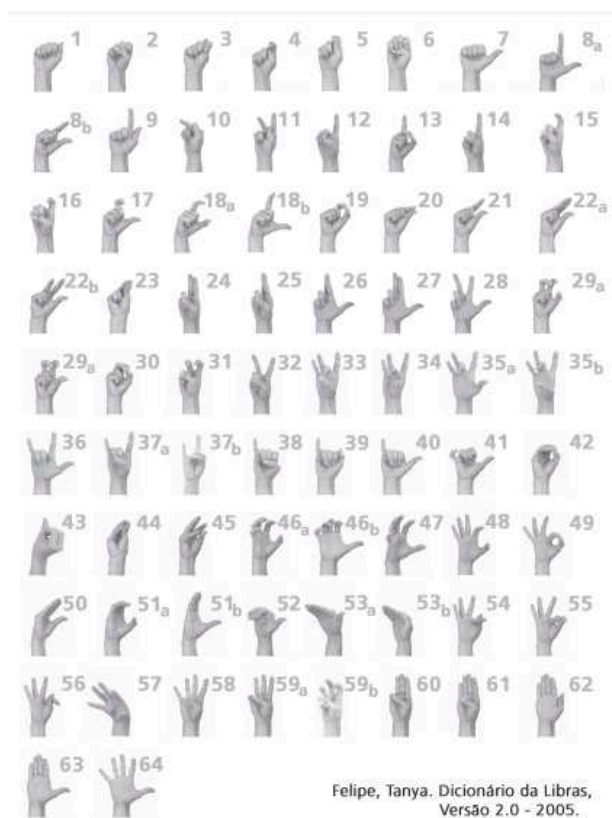
Figura 1: 46 configurações de mãos



Fonte: (BRITO, 1995 p.220)

Com o passar do tempo, os estudos foram se aperfeiçoando, diversos pesquisadores foram identificando mais configurações de mão. Existe uma variedade de tabela com diferentes quantidades de CM, mas, a tabela criada pela pesquisadora Tanya Amara Felipe é uma das mais conhecidas entre a comunidade surda. Na figura 2 podemos ver as 64 configurações de mão identificadas por ela.

Figura 2: 64 configurações de mãos



Fonte: (FELIPE; MONTEIRO, 2007 p.28)

Ponto de articulação é o espaço onde o sinal é realizado, pode ser realizado tocando em alguma parte do corpo ou podendo ser em um espaço neutro, onde é realizado na altura do ombro e no espaço à frente do sinalizante, sem encostar no seu corpo.

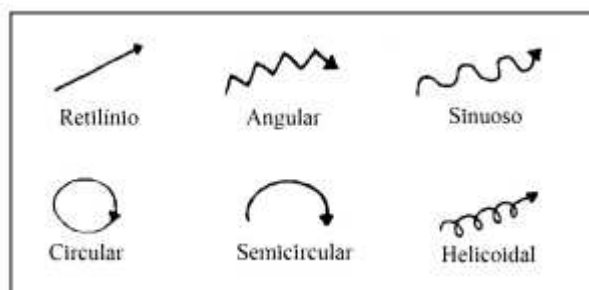
Ponto de articulação: é o espaço em frente ao corpo ou uma região do próprio corpo, onde os sinais são articulados. Os sinais articulados no espaço são de dois tipos, os que se articulam no espaço neutro diante do corpo e os que se aproximam de uma determinada região do corpo como, por exemplo, a cabeça, a cintura e os ombros. (BRITO, 1995 p. 37)

Movimento é o parâmetro que envolve tanto os movimentos dos dedos, das mãos, pulsos, antebraços e o movimento realizado no espaço. Brito (1995, p.38) explica:

Nos movimentos internos das mãos, os dedos se mexem durante a realização do sinal, abrindo-se, fechando-se, dobrando-se ou estendendo-se, o que leva a rápidas mudanças na configuração da(s) mão(s). O movimento que a(s) mão(s) descreve(m) no espaço ou sobre o corpo pode ser em linhas retas, curvas, sinuosas ou circulares em várias direções e posições.

Estudos identificaram seis principais tipos de movimentos utilizados na sinalização em Libras, na figura 3 podemos ver quais são. Existem sinais realizados utilizando cada um desses movimentos. Mas, nem todos os sinais possuem movimento, existem sinais que são realizados parado.

Figura 3: Tipos de movimento



Fonte: (ROSA et al 2016, p.3)

Orientação é a direção em que as mãos estão apontadas durante a execução do sinal, podendo ter 6 direções, voltada para cima, para baixo, para o corpo, para a frente, para a esquerda ou para a direita. Além disso, durante a execução do sinal pode haver a mudança da direção (BRITO, 1995).

As expressões faciais e o movimento do corpo são de extrema importância para diferenciar alguns sinais, Brito (1995, p.41) explica essa diferença:

Por exemplo, a diferença entre PENSAR, DUVIDAR e ENTENDER (SP) é feita por esses componentes não-manuais. Nos três sinais, a configuração é a mão em G, com a ponta do indicador em contato com a parte lateral da cabeça. Em PENSAR há

apenas um toque, em DUVIDAR, o toque é acompanhado do olhar e da expressão facial indicando dúvida e de balanço da cabeça para os lados; ENTENDER é realizado com um toque do indicador e um rápido afastamento, enquanto os olhos se abrem.

Estudando essas unidades, a fonologia consegue identificar diferentes significações para as diferentes combinações destes parâmetros. Por exemplo, o sinal de inteligência e cultura tem a mesma configuração de mão, ponto de articulação e movimento, mudando apenas a orientação e expressão facial. Isso significa que a mudança de pelo menos um desses elementos já altera o significado do sinal, por isso a importância do estudo da fonologia na língua de sinais.

Assim como as línguas orais, a morfologia da Libras está relacionada à estrutura e formação de palavras, porém, em vez de usar sons, a Libras utiliza os cinco parâmetros. Segundo Quadros e Karnopp (2004, p.19), as palavras são feitas de partes menores chamadas “morfemas”. Existem palavras “simples” que são formadas por um único morfema, e existem palavras “compostas” que precisam de pelo menos dois morfemas combinados. A morfologia da Libras envolve a formação de palavras e expressões através da combinação de sinais simples e sinais compostos. Veremos a seguir como se caracteriza cada um desses tipos de sinais:

- Sinais simples: Os sinais simples na Libras são unidades mínimas de significado. Por exemplo, os sinais simples são formados por apenas um sinal, como CADEIRA, BONITO e CASA.
- Sinais compostos: Os sinais compostos na Libras são formados pela combinação de dois ou mais sinais simples. Por exemplo, o sinal de ESCOLA que é formado por dois sinais, o sinal de CASA + ESTUDAR.

É importante ressaltar que a morfologia da Libras não se limita apenas à combinação de sinais simples e compostos, mas também inclui outros elementos linguísticos, como a utilização de espaços para indicar referentes, expressões faciais e corporais para marcar aspectos gramaticais, entre outros. A morfologia da Libras desempenha um papel fundamental na expressão e compreensão de significados na língua de sinais, permitindo que os usuários construam palavras, frases e expressões mais complexas para se comunicarem de forma eficaz.

5. TRAJETÓRIA DO ESTUDO TOPONÍMICO

A toponímia é uma subárea da onomástica, que se dedica ao estudo dos nomes próprios. De origem grega, a palavra "toponímia" significa literalmente “nome de lugar”. É uma área que se concentra especificamente na investigação dos nomes dos lugares e suas características, como explica Ullmann (1964, p. 161, apud SOUZA-JÚNIOR, 2012, p. 22):

A Linguística Geral dispõe de uma área dedicada à análise dos nomes próprios - a onomástica, que envolve dois campos de estudo: a toponímia e a antroponímia. A primeira, voltada aos nomes dos lugares (rua, vilas, cidades, estados, países) e a segunda aos nomes das pessoas.

Ainda explicando o conceito da toponímia, Souza-Júnior (2012) afirma que esse campo dedica-se de forma exclusiva ao registro e descrição da relação entre a significação de nomes com determinado lugar. Tudo ao nosso redor possui nome, sejam objetos concretos ou coisas abstratas, como por exemplo, a palavra “saúde”, se trata de um sentimento que não podemos ver ou tocar, mas nomeamos pois podemos sentir. Fiorin (2013) destaca a importância de nomear as coisas, para os humanos só é possível se atentar às coisas ao nosso redor por meio da linguagem, por isso, as coisas só existem quando são nomeadas. Os topônimos têm essa função importante na língua, pois, nomeiam os lugares, necessário então sua análise e estudo para a compreensão dos aspectos culturais do povo dessa região ao nomear esse espaço.

No Brasil, os estudos toponímicos tiveram início em 1901 com Theodoro Sampaio, com o trabalho *O Tupi na Geografia Nacional*. Após ele, tiveram outros pesquisadores que contribuíram com os estudos toponímicos brasileiro, como por exemplo, Carlos Drumond, que com sua tese em *Contribuições do Bororo à Toponímia Brasileira* (1965, p. 13), levantou a questão de que os estudos toponímicos, até o momento, não se preocupavam em investigar as motivações primárias por trás dos topônimos. Em vez disso, muitas vezes eram feitas deduções baseadas em palavras de origens indígenas, o que poderia levar a equívocos:

Enquanto na Europa, p. ex., os estudos de toponímia tem merecido o máximo de atenção, no Brasil, com raríssimas exceções, estudos deste gênero têm sido feitos mais a título de "curiosidade", sem os métodos apropriados a tal empreendimento, visando unicamente, em sua grande maioria, pôr em destaque a ocorrência dos nomes de origem tupi dentro do acervo toponímico brasileiro. Nada mais são do que simples listas de palavras de origem indígena, acompanhadas de um provável significado. Raras foram as tentativas de restauração das formas antigas do topônimo, quando este deveria ser o procedimento fundamental, pois é fato notório que toda etimologia deve repousar, antes do mais, sobre o conhecimento e a

interpretação das formas primitivas do nome. Digressões hipotéticas, baseadas na forma atual de um determinado nome, mesmo se a explicação parece evidente, pode conduzir a enganos desastrosos. (DRUMOND, 1965, p. 13).

A pesquisadora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick se tornou uma grande referência nas pesquisas da área. Dick (1980) em sua tese de doutorado *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxonômicos*, orientada por Carlos Drummond, mostra uma nova perspectiva da toponímia, elaborando um modelo baseado em analisar os nomes desses lugares a partir de diversas fontes, como documentos históricos, mapas, literatura, religião, a fauna e a flora, entre outros, podendo ser investigada por diversas áreas como História, Geografia e Ciências Sociais, porém, não devem ser feitas isoladamente, sendo necessário o estudo em conjunto desses dados para um melhor êxito.

Dick passa a levar em consideração as transformações sofridas pelos topônimos em vários contextos, com os desaparecimentos ou variações que tiveram, sua relação com os processos migratórios, com os acontecimentos históricos e sociais do lugar, com as crenças e visões de mundo do povo (SOUSA e DARGEL, 2021). Os topônimos têm um papel importante na construção da identidade do povo que habita a região, carregando consigo a cultura, memórias e aspectos sociais, como afirma Dick (1998, p. 61):

Já afirmamos, em oportunidade anterior, que o topônimo, funcionalmente, apresenta-se com uma dupla marca lingüística, exercendo não apenas um papel sógnico no universo do discurso, mas também o de suporte de identificação: sugere pistas, indica caminhos interpretativos, torna-se evidência de comportamentos extintos, resgate de memórias vivenciadas. Mas quando se diz que o topônimo é identificador de um lugar, ou um signo de referência, nem sempre se está afirmando que a forma lingüística que o reveste é um “nome”, ou a marca de um significado devocional ou comemorativo, de aspectos sociais ou psicológicos, de condutas ou tendências coletivas.

Podemos destacar três motivações principais encontradas no modelo de Dick, são elas: motivos étnicos, motivos geográficos e motivos históricos. Nos motivos étnicos percebemos a influência das características culturais de um grupo étnico, como nomes de tribos, povos ou etnias. Já os motivos geográficos se referem aos topônimos cujos nomes têm sua origem nas características físicas do lugar, como rios, montanhas, vales, entre outros. Por fim, os motivos históricos referem-se aos nomes de lugares que se originam a partir de eventos históricos ou figuras históricas, como monumentos, cidades históricas, entre outros.

Outra grande contribuição do trabalho de Dick para os estudos toponímicos, foi a criação de nomenclatura para a classificação toponímica. Visando a criação de uma

metodologia adequada para o registro desses topônimos, o seu modelo taxonômico⁵ levou à criação de uma terminologia técnica para categorizá-los, utilizado em suas pesquisas. Em sua tese, Dick explica como ocorre a construção dessas nomenclaturas:

Assim, por exemplo, nomes cuja origem revelasse uma filiação a elementos vegetais ou minerais foram denominados fitotopônimos e litotopônimos, respectivamente. O primeiro membro do sintagma teria por finalidade definir a classe genérica e, o segundo, a procedência do campo de estudo específico. (DICK, 1980, p. 6)

No quadro 1 feito por Sousa e Martins (2017), podemos observar como se dá essa classificação, como ela é dividida de acordo com a área e motivação dos topônimos.

Quadro 1: Nomenclatura de classificação toponímica.

TAXIONOMIAS TOPONÍMICA	
Natureza Física	Natureza Antropocultural
Astrotopônimos: topônimos relativos aos corpos celestes em geral	Animotopônimos: topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual.
Cardinotopônimos: topônimos relativos às posições geográficas em geral.	Antropotopônimos: topônimos relativos aos nomes próprios individuais.
Cromotopônimos: topônimos relativos à escala cromática.	Axiotopônimos: topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais.
Dimensiotopônimos: topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura, profundidade.	Corotopônimos: topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes.
Fitotopônimos: topônimos de índole vegetal.	Cronotopônimos: topônimos que encerram indicadores cronológicos, representados, em Toponímia, pelos adjetivos novo/nova/velho/velha.
Geomorfotopônimos: topônimos relativos às formas topográficas.	Dirrematotopônimos: topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos.
Hidrotopônimos: topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral.	Ecotopônimos: topônimos relativos às habitações de um modo geral.

⁵ Que se refere à taxonomia, ciência que procura classificar os objetos, ordená-los em categorias com base em características comuns e dá nomes a esses grupos.

Litotopônimos: topônimos de índole mineral, relativos à constituição do solo, representados por indivíduos.	Ergotopônimos: topônimos relativos aos elementos da cultura material.
Meteorotopônimos: topônimos relativos a fenômenos atmosféricos.	Etnotopônimos: topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas).
Morfotopônimos: topônimos que refletem o sentido de forma geométrica.	Hierotopônimos: topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: cristã, hebraica, maometana, etc. É subdividida em: a) hagiotopônimos: topônimos relativos aos santos e santas do hagiolégio romano. b) Mitotopônimos: topônimos relativos às entidades mitológicas.
Zootopônimos: topônimos de índole animal.	Historiotopônimos: topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes.
	Hodotopônimos: topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana.
	Numerotopônimos: topônimos relativos aos adjetivos numerais.
	Poliotopônimos: topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial.
	Sociotopônimos: topônimos relativos às atividades profissionais aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade (largo, pátio, praça).
	Somatotopônimos: topônimos empregados em relação metafórica a partes do corpo humano ou do animal.

Fonte: Sousa e Martins (2017)

Essas 27 taxas propostas por Dick tem servido como base para vários estudos na toponímia do Brasil, incluindo aqueles relacionados aos estudos toponímicos em sinais. A seguir, abordaremos um pouco sobre os estudos toponímicos na Libras.

6 LIBRAS E OS ESTUDOS TOPONÍMICOS

Os estudos toponímicos na Libras, analisam a criação e o uso desses sinais na nomeação de lugares. O pesquisador José Ednilson Gomes de Souza Júnior foi pioneiro nesses estudos, em sua dissertação de mestrado intitulada *Nomeação de Lugares na Língua de Sinais Brasileira. Uma Perspectiva de Toponímia por Sinais* (2012), fez o registro de 265 topônimos brasileiros em sinais. Em seu trabalho, Souza-Júnior (2012, p. 28) mostra que a comunidade surda tem uma forma própria de nomear pessoas e lugares. Os nomes pessoais são substituídos por sinais, por exemplo, quando uma pessoa tem contato com a comunidade surda, ao se apresentar fará a datilologia⁶ do seu nome, em seguida apresentará o seu sinal pessoal, caso ainda não possua um sinal, o surdo irá criar um e "batizá-la", assim, dentro da comunidade surda ela será conhecida pelo seu sinal, não sendo necessário mais fazer a datilologia de seu nome ao se referir a pessoa em questão. Da mesma forma acontece com os nomes dos lugares, como cidades, estados, rios, bairros, etc. A nomeação de lugares na Libras possui características particulares, como já falado anteriormente, a Libras é uma língua visual-espacial, por isso leva em conta os aspectos visuais, espaciais e culturais do ambiente.

Tanto nas línguas orais quanto nas línguas de sinais, existe motivação toponímica, como afirma Souza-Júnior (2012, p. 36):

No caso dos topônimos, o que ocorre é um elevado grau de motivação dos nomes dos lugares, seja em línguas orais seja mais ainda nas línguas de sinais, o que relativiza a posição determinante aportada por Saussure, quanto à natureza arbitrária do signo.

Assim, a partir dos nomes dos lugares, ou dos sinais, no caso da língua de sinais, é possível visualizar ou entender o significado do topônimo, desempenhando sua principal característica, que é a de identificar os lugares. Seguindo o modelo de Dick, Souza-Júnior estudou as taxionomias toponímicas em Libras, adicionando o “grafotopônimo”, que se refere aos topônimos motivados pela grafia original do lugar (SOUZA-JÚNIOR, 2012, p. 60). Quanto à classificação morfológica dos topônimos, segundo Souza-Júnior (2012, p. 27) se divide em três categorias: topônimo simples, topônimo composto ou topônimo híbrido. O topônimo simples apenas um sinal representa o acidente, no topônimo composto é representado por dois sinais e o topônimo híbrido é formado por um sinal que une a Língua Portuguesa e a Língua de Sinais.

⁶ Também conhecida como alfabeto manual, são sinais que representam as letras do alfabeto.

Outro importante autor que contribui para os estudos da toponímia em sinais é Alexandre Melo de Sousa, recentemente publicou um livro intitulado *Toponímia em Libras: Pesquisa, ensino e interdisciplinaridade* (2022), além de apontar como os topônimos são manifestados na Libras, o autor também discorre sobre o seu uso no ensino da língua de sinais. Onde os professores de Libras podem utilizar a abordagem interdisciplinar da toponímia, que envolve diversas áreas do conhecimento, como a cultura, a história e a geografia, para criar estratégias de ensino mais efetivas, possibilitando um aprendizado conectado com sua identidade cultural.

Em um comparativo com o estudo de Souza-Júnior (2012), Sousa (2019) classificou os topônimos em sinais com algumas diferenças, segundo ele, existem quatro formações para os topônimos em Libras, são elas: formação simples, formação simples híbrida, formação composta e formação composta híbrida. Na formação simples existe apenas a língua de sinais nativa, na formação simples híbrida é formada por apenas um sinal que possui a junção com a língua oral, na formação composta possui mais de um elemento e todos esses elementos são da língua de sinais nativa, por fim, a formação composta híbrida, também contém mais de um elemento, sendo pelo menos um deles da língua de sinais nativa e outro emprestado da língua oral ou de outra língua de sinais. Na figura 4 podemos ver a exemplificação dos sinais de cada uma dessas formações.

Figura 4: Formação dos topônimos



Fonte: Sousa (2022, p. 47)

Além dessas pesquisas, fizemos uma busca na plataforma *Google Acadêmico*, utilizando as palavras-chave "toponímia em Libras" + "língua brasileira de sinais", a fim de encontrar pesquisas recentes para embasar esse trabalho. Delimitamos as pesquisas dos últimos 4 anos, foram encontrados um total de 34 resultados, destes, selecionamos alguns trabalhos que julgamos trazerem fortes contribuições para o registro e análises dos topônimos na Libras:

- *O web software toponímia em Libras: Pesquisa e ensino* de Alexandre Melo de Sousa e Ronice Müller de Quadro (2019), que explica o processo de criação dessa ferramenta que contribui para a pesquisa e ensino da Libras focado nos topônimos, facilitando o acesso a essas informações.
- *Análise da variação lexical dos topônimos em Libras no sertão Paraibano* de Jéssica Girlaine Guimarães Leal (2020a), que com base nos usuários surdos, registrou as variações lexicais dos topônimos de alguns municípios do sertão paraibano, mostrando a importância de considerar essas variações na comunicação com a comunidade surda e entender essa diversidade linguística e cultural na região.
- *Toponímia em Libras: Análise da origem motivacional em sinais toponímicos do Estado de Goiás* de Kássia Mariano de Souza e Ariel Novodvorski (2020), que analisaram os sinais de 5 cidades do Estado de Goiás, descrevendo os parâmetros que compõem esses sinais e sua origem motivacional.
- *Toponímia em Libras: A criação de novos sinais de Libras referentes aos bairros de Petrópolis* de Luciane Cruz Silveira (2022), com o objetivo de identificar os bairros que já possuíam sinal e criar sinal para aqueles que ainda não tinham com a contribuição dos surdos nesse processo, levando em consideração o contexto histórico e geográfico da região.
- *Toponímia em Libras nas escolas públicas de Rio Branco* de Utemara Cristina e Silva Paiva e Alexandre Melo de Sousa (2022), que faz uma análise motivacional de 10 sinais de escolas públicas de Rio Branco, identificando em sua pesquisa a grande influência ainda presente da Língua Portuguesa nos sinais.
- *Análise da motivação toponímica na criação do sinal em Libras da Universidade Federal Norte do Tocantins - UFNT* de Fernando Eustáquio Guedes e Fabiane Barroso (2022), neste estudo, os autores chegaram à conclusão que a análise da motivação

toponímica do sinal para a UFNT é fundamental para compreender os elementos linguísticos e culturais da comunidade surda presente em sua criação.

7. PERCURSO METODOLÓGICO

Na seção metodológica deste trabalho, apresentaremos os aspectos relacionados à condução da pesquisa, incluindo as abordagens adotadas, o local onde foram coletados os dados, os instrumentos de coleta utilizados, bem como as características do perfil dos participantes e os critérios utilizados para a sua seleção.

7.1 Tipo de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa com abordagem quali-quantitativa, que combina métodos qualitativos e quantitativos para obter uma compreensão mais abrangente e profunda. A abordagem qualitativa busca entender o objeto pesquisado a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos. Enquanto a pesquisa quantitativa foca na medição das variáveis numéricas, na coleta e análise dos dados numéricos, a pesquisa qualitativa é focada na coleta de dados descritivos, como entrevistas e observações dos sujeitos, considerando na sua interpretação a influência do contexto social e cultural em que são inseridos. De acordo com Godoy (1995, p. 21), para uma melhor compreensão de um fenômeno é necessária uma análise integrada com o meio em que ocorre, a partir dos pontos de vista das pessoas envolvidas.

Tem o objetivo principal de observar a realidade vivida pelo objeto de estudo, que são os surdos da região, tomando anotações a fim de analisar, descrever e compreender essa realidade, indo de acordo com o que diz (ANGERS, 1992: 131, apud JACCOUD; MAYER, 2008, p. 255):

Trata-se de uma técnica direta, já que há um contato com informantes. Trata-se, também, de uma observação não-dirigida, na medida em que a observação da realidade continua sendo o objetivo final e, habitualmente, o pesquisador não intervém na situação observada. Trata-se, ainda, de uma análise qualitativa, uma vez que entram em jogo anotações para descrever e compreender uma situação, mais do que números para enumerar as frequências de comportamentos.

É também uma pesquisa exploratória, que busca abordar o problema por meio do levantamento de informações a partir de fontes bibliográficas e entrevista com indivíduos que tiveram contato direto com o problema pesquisado. Além disso, a pesquisa se classifica em estudo de campo, voltado ao estudo da língua da comunidade surda de determinada região geográfica delimitada previamente. Gil (1946, p. 53) explica o que é o estudo de campo:

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias.

Para este tipo de trabalho, é fundamental realizar um planejamento cuidadoso das etapas da pesquisa, definição dos objetivos e das técnicas de coleta de dados adequadas que serão adotadas, além de estabelecer critérios de seleção de participantes. O planejamento do estudo de campo possui uma grande vantagem que é a sua flexibilidade, se necessário os objetivos podem ser reformulados ao longo da pesquisa, sem nenhum prejuízo (GIL, 2008, p. 57). No estudo de campo, por envolver a interação direta com indivíduos, precisamos ter alguns cuidados, é de suma importância respeitar os seus direitos e manter a confidencialidade das informações coletadas, bem como dos participantes envolvidos.

Para a coleta de dados, utilizamos a técnica de entrevistas. Seguindo a definição de Gil (2008, p. 109), a entrevista é uma abordagem na qual o pesquisador faz perguntas ao entrevistado, estabelecendo um diálogo em que um sujeito coleta os dados e o outro sujeito fornece informações. As entrevistas foram estruturadas, com um conjunto de perguntas pré-definidas para cada grupo de entrevistados. Isso possibilitou a análise estatística dos dados coletados, já que as respostas foram padronizadas (GIL, 2008, p. 113).

7.2 Lócus da pesquisa

A pesquisa foi realizada com a comunidade acadêmica do curso de Licenciatura em Letras Libras na Ufersa *Campus* Caraúbas, composta por surdos e ouvintes. Na figura 5 podemos ver o *Campus*, que foi criado através da RESOLUÇÃO CONSUNI/UFERSA Nº 010/2010 em 15 de julho de 2010, iniciou suas atividades em 16 de agosto de 2010 e teve sua sede oficial inaugurada em maio de 2013. A Ufersa *Campus* Caraúbas oferta cursos de graduação nas áreas de tecnologia, engenharias e educação. O curso de Letras Libras começou a ser oferecido no semestre 2014.1, juntamente com o curso de Licenciatura em Letras Inglês. O objetivo do curso de Licenciatura em Letras Libras é formar professores competentes e críticos, capazes de lidar com os aspectos linguísticos, literários e culturais da Libras e da comunidade surda do Brasil. Durante o curso, os estudantes se dedicam ao estudo da Libras, da literatura surda e cultura surda brasileira, a fim de se tornarem profissionais qualificados e

preparados para atuar em diferentes áreas de atuação, promovendo inclusão e valorização da comunidade surda.

Figura 5: *Campus Caraúbas*



Fonte: Assecom UFERSA, 2017.

7.3 Seleção dos topônimos

A seleção dos topônimos para a pesquisa foi baseada em critérios específicos. Quatro dos dez topônimos foram escolhidos a partir das cidades que possuem *campus* da UFERSA, que são: Angicos, Caraúbas, Mossoró e Pau dos Ferros. Os demais municípios selecionados foram escolhidos pela sua localização geográfica em torno da cidade de Caraúbas, onde a pesquisa está sendo realizada, são eles: Apodi, Felipe Guerra, Governador Dix-Sept Rosado, Janduís, Martins e Patu.

7.4 Instrumento de coleta

Realizamos a coleta de dados de forma virtual, por meio de chamadas de vídeo utilizando a plataforma *Google Meet*. Antes da entrevista, combinamos previamente um dia e horário que fosse conveniente para os entrevistados. Para facilitar a condução da entrevista, utilizamos um slide com perguntas iniciais para conhecer os entrevistados. As perguntas feitas foram quase as mesmas para todos os participantes. Apenas duas perguntas foram alteradas para cada grupo, compostos por discentes (surdos e ouvintes), docentes e TILSPs, para torná-las específicas para suas necessidades e experiências, como podem ser vistas nos apêndices A, B e C. Além das perguntas, mostramos também as imagens dos topônimos cujos

sinais se buscava identificar. Selecionamos imagens que mostram características que permitem a fácil identificação do topônimo, tais como letreiros da cidade, pontos turísticos, mapa, personalidades históricas, festas tradicionais e outros aspectos relevantes. Um exemplo das imagens selecionadas para a identificação do topônimo “Angicos” pode ser visto na figura 6.

Figura 6: Imagens apresentadas para a identificação do topônimo Angicos



Fonte: Elaboração própria

Durante a entrevista, registramos tudo utilizando o programa *OBS Studio*, que permite a captura de tela do computador, possibilitando a gravação da entrevista para análise posterior e armazenando no computador. Essa metodologia foi utilizada apenas nas três primeiras entrevistas, pois percebemos um problema: as gravações ficaram travadas, o que dificultou a análise posterior dos sinais capturados. Para contornar esse obstáculo, optamos por mudar a forma de registro e aderir ao serviço premium da plataforma *Google Meet*, que permite a gravação das reuniões e o armazenamento automático no *Google Drive*. Com esse novo método, conseguimos uma melhor qualidade de gravação e facilitamos o processo de análise dos dados coletados.

7.5 Sujeitos da pesquisa

Para realizar a pesquisa, entrevistamos membros da comunidade acadêmica do curso de Licenciatura em Letras Libras da UFERSA *Campus* Caraúbas, incluindo alunos surdos,

alunos ouvintes, TILSPs e docentes que atuam no curso. Selecionamos um total de 12 participantes, com representação equilibrada de cada grupo: 3 alunos surdos, 3 alunos ouvintes, 3 TILSPs e 3 docentes. Optamos por selecionar alunos matriculados nos períodos finais do curso, com o objetivo de identificar quais sinais foram utilizados ao longo de sua trajetória na graduação. No caso dos professores e TILSPs, selecionamos servidores efetivos, excluindo professores substitutos e TILSPs terceirizados, para identificar os sinais utilizados pelos servidores com mais experiência e que permaneceram por mais tempo no curso, contribuindo para disseminação dos sinais.

8 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentaremos o perfil dos entrevistados e, posteriormente, analisaremos os dados coletados de cada topônimo individualmente. Para a análise, utilizamos as taxas toponímicas de Dick (1990), adicionando a proposta de Souza-Júnior (2012) de “grafotopônimos”. Já a análise das formações foi realizada com base no modelo proposto por Sousa (2019).

8.1 Entrevista com os participantes

Com o objetivo de garantir a confidencialidade dos participantes, seus nomes foram ocultados e substituídos por codinomes baseados nos grupos aos quais pertenciam e a ordem de suas entrevistas. O grupo A era composto por alunos surdos, o grupo B por alunos ouvintes, o grupo C pelos docentes e o grupo D pelos TILSPs. Essa medida é fundamental para assegurar a privacidade dos envolvidos e promover a ética na pesquisa.

8.1.1 Entrevistado - A1

A entrevistada A1, é uma jovem de 25 anos e é surda. Ela é filha de pais ouvintes e aprendeu a Libras aos 4 anos de idade. Atualmente está cursando o 10º período do curso de Letras Libras.

8.1.2 Entrevistado - A2

A entrevistada A1, é aluna do 8º período do curso Letras Libras, tem 22 anos de idade. Ela é surda, filha de pais ouvintes e aprendeu Libras com 4 anos de idade.

8.1.3 Entrevistado - A3

O entrevistado A3 tem 23 anos de idade e é surdo. Ele é filho de pais ouvintes e teve seu primeiro contato com a Libras aos 7 anos de idade. Atualmente, está cursando o 8º período da graduação em Licenciatura em Letras Libras.

8.1.4 Entrevistado - B1

A entrevistada B1 é ouvinte, tem 24 anos de idade, é aluna do 10º período do curso de graduação em Letras Libras, filha de pais ouvintes, aprendeu Libras com 20 anos ao ingressar no curso.

8.1.5 Entrevistado - B2

A entrevistada B2 é ouvinte, tem 23 anos de idade, estudante do 10º período do curso de graduação em Letras Libras, seus pais são surdos, além deles mais 3 tias também são. Ao ser perguntada com quantos anos aprendeu a Libras, a entrevistada respondeu que não sabia informar de certeza, pois cresceu aprendendo Libras e Português simultaneamente na infância devido ao contato com os familiares surdos.

8.1.6 Entrevistado - B3

O entrevistado B3 também é ouvinte, tem 27 anos de idade. Filho de pai surdo e mãe ouvinte, aprendeu Libras com mais ou menos 3 anos de idade com o seu pai, atualmente é aluno do 10º período do curso de graduação em Letras Libras.

8.1.7 Entrevistado - C1

A entrevistada C1 é uma surda, tem 35 anos de idade e é filha de pais ouvintes. Ela aprendeu Libras aos 9 anos de idade e se formou em Letras Libras e atua como professora na UFERSA há 6 anos.

8.1.8 Entrevistado - C2

O entrevistado C2 é um ouvinte de 33 anos de idade. Ele teve seu primeiro contato com a Libras básica aos 17 anos de idade. Graduado em Licenciatura em Letras Libras na UFERSA, desde o final de 2018, trabalha como professor na UFERSA.

8.1.9 Entrevistado - C3

O entrevistado C3 é um surdo de 36 anos de idade e é filho de pais ouvintes. Ele começou a aprender Libras aos 11 anos de idade. É formado em Pedagogia e em Licenciatura em Letras Libras também pela UFERSA. Atua como professor na UFERSA há 7 meses.

8.1.10 Entrevistado - D1

O entrevistado D1 tem 35 anos de idade e é filho de pais ouvintes. Começou a aprender Libras com cerca de 10 anos de idade. D1 desempenha o trabalho de TILSP na UFERSA há 6 anos.

8.1.11 Entrevistado - D2

O entrevistado D2 tem 42 anos de idade e é filho de pais ouvintes. Ele teve seu primeiro contato com a Libras foi entre 7 e 8 anos de idade, quando sua mãe e tia lhe ensinaram o alfabeto manual. Atualmente é TILSP na Ufersa há 7 anos.

8.1.12 Entrevistado - D3

A entrevistada D3 tem 41 anos de idade, filha de pais ouvintes, aprendeu Libras aos 13 anos de idade. Ela trabalha como TILSP na UFERSA há 7 anos.

8.2 Sinais dos toponímicos

A seguir, mostraremos os sinais mais relatados pelos entrevistados para cada topônimo, juntamente com suas respectivas classificações quanto à sua formação e taxonomia toponímica. Além disso, apresentaremos também as variações coletadas durante as entrevistas.

8.2.1 Cidade Angicos

Segundo sete dos doze entrevistados, o sinal do município de Angicos é realizado com a mão aberta, com o polegar encostado no ombro e movimentando os outros dedos para cima e para baixo, conforme ilustrado na figura 7. A origem motivacional do sinal se dá pela semelhança do nome da cidade com a palavra “anjo”, por isso o sinal de anjo. O sinal é classificado como uma formação simples e a taxonomia desse topônimo é classificada como hierotopônimo por se referir a algo sagrado. Veja a ficha lexicográfica⁷ 01 em anexo.

⁷ As fichas lexicográficas desta pesquisa foram baseadas no modelo usado por Souza-Júnior (2012) e pelo modelo sugerido por Sousa e Quadros (2019). Todas as fichas se encontram no anexo A.

Figura 7: Sinal Angicos/RN



Fonte: Elaboração própria (2023).

Link para visualização do sinal: https://youtu.be/u65LOo8c_YQ

Apenas uma pessoa realizou o sinal com os dedos afastados, conforme a figura 8. Essa diferença se categoriza como um alofone⁸, não alterando o significado do sinal.

Figura 8: Alofone no sinal da cidade Angicos/RN



Fonte: Elaboração própria (2023).

Um entrevistado realizou o sinal utilizando as duas mãos, como na figura 9. Já outros dois entrevistados apresentaram um outro sinal para o topônimo, sendo realizado com a mão aberta e o dedo médio deslizando no ombro, conforme pode ser visto na figura 10. Apenas uma pessoa não soube responder qual era o sinal da cidade.

⁸ Na linguística, um alofone é uma variação fonética de um fonema que não altera o seu significado.

Figura 9: Variação 1 do sinal Angicos/RN



Fonte: Elaboração própria (2023).

Figura 10: Variação 2 do sinal Angicos/RN



Fonte: Elaboração própria (2023).

8.2.2 Cidade Apodi

Nove entrevistados responderam que o topônimo em Libras de Apodi é formado por duas configurações de mãos. A primeira configuração é a CM mão aberta espalmada para baixo, que representa o braço de apoio. A segunda configuração de mão é a CM com os dedos polegar, indicador e médio abertos, enquanto os outros dois dedos estão fechados, com a orientação de mão virada para frente e fazendo um movimento circular, conforme a figura 11. O ponto de articulação do sinal é no espaço neutro. Um sinal representa o calçadão construído às margens da Lagoa de Apodi, e o outro os índios nativos que habitavam aquele lugar. Por essa razão, sua taxonomia é classificada como ergotopônimo + etnotopônimo e sua formação é considerada composta. Veja a ficha 02.

Figura 11: Sinal Apodi/RN



Fonte: Elaboração própria (2023).

Link para visualização do sinal: <https://youtu.be/Jqiqn3HFASU>

Para a cidade de Apodi também foi observado a presença de alofones. Dois participantes apresentaram pequenas diferenças na realização do sinal, o primeiro realizou com a mão de apoio fechada (figura 12), enquanto o segundo realizou com os dedos indicador e médio juntos (figura 13). Além disso, um participante não soube responder.

Figura 12: Alofone 1 no sinal da cidade Apodi/RN



Fonte: Elaboração própria (2023).

Figura 13: Alofone 2 no sinal da cidade Apodi/RN

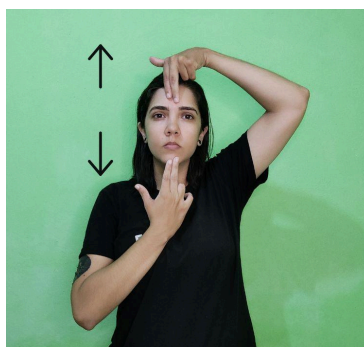


Fonte: Elaboração própria (2023).

8.2.3 Cidade Caraúbas

Dez participantes responderam que o sinal de Caraúbas é produzido com as duas mãos na configuração em “N”, com o dedo polegar levantado, uma mão posicionada na testa e a outra no queixo. A mão que está na testa faz o movimento de “escovar” para cima, enquanto a mão que está no queixo faz o mesmo movimento para baixo, conforme ilustrado na figura 14. A motivação do sinal se dá a uma família bastante conhecida na cidade, a família Carneiro, conhecidos como o “novo cangaço”. O sinal é classificado como formação simples e a sua taxonomia é zootopônimo por se referir a um carneiro. Veja a ficha 03.

Figura 14: Sinal Caraúbas/RN



Fonte: Elaboração própria (2023).

Link para visualização do sinal: <https://youtu.be/zUIR9Mq-x5A>

Novamente foi observado alofonia na resposta de dois participantes, que realizaram o sinal com a configuração de mão em “N”, sem o uso do dedão, conforme a figura 15.

Figura 15: Alofone no sinal da cidade Caraúbas/RN



Fonte: Elaboração própria (2023).

8.2.4 Cidade Felipe Guerra

O sinal da cidade de Felipe Guerra, foi respondido por oito entrevistados, que realizaram da seguinte forma: uma mão fechada virada para baixo e a outra mão em formato de pinça, com os dedos médio, anelar e mínimo abertos, fazendo o movimento helicoidal para baixo encostando na mão fechada, conforme a figura 16. O sinal é motivado pela grande quantidade de abelhas na região. Sua formação é classificada como simples e a sua taxonomia é zootopônimo por se referir às abelhas. Dessa vez, quatro participantes não souberam responder. Veja a ficha 04.

Figura 16: Sinal Felipe Guerra/RN



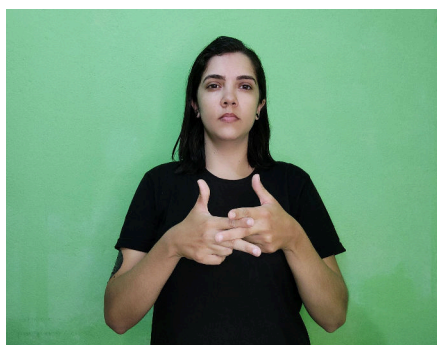
Fonte: Elaboração própria (2023).

Link para visualização do sinal: <https://youtu.be/swg0JWK-VQs>

8.2.5 Cidade Governador Dix-Sept Rosado

Sete entrevistados realizaram o sinal conforme a figura 17, com as duas mãos em uma configuração que consiste em manter os dedos polegar, indicador e médio abertos, enquanto os outros dois dedos permanecem fechados, posicionando os dedos de ambas as mãos um dentro do outro. Este sinal é motivado pela arquitetura dos portais construídos nas duas entradas da cidade, que estão ilustrados na figura 18. Por isso, é considerado um ergotopônimo e sua formação é simples. Veja a ficha 05

Figura 17: Sinal Governador Dix-Sept Rosado/RN



Fonte: Elaboração própria (2023).

Link para visualização do sinal: <https://youtu.be/CayQ7C6af58>

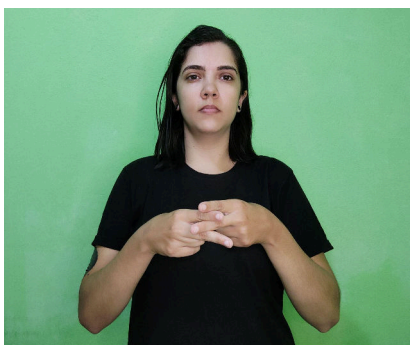
Figura 18: Portal da cidade Governador Dix-Sept Rosado



Fonte: Caminhoneiro o rei do universos (2021)

Dois participantes realizaram o sinal com alofonia quanto a configuração de mão, que é possível ver na figura 19. Durante a execução do sinal, os dedos permaneceram abaixados. Três participantes não souberam responder qual era o sinal da cidade.

Figura 19: Alofone no sinal da cidade Governador Dix-Sept Rosado/RN

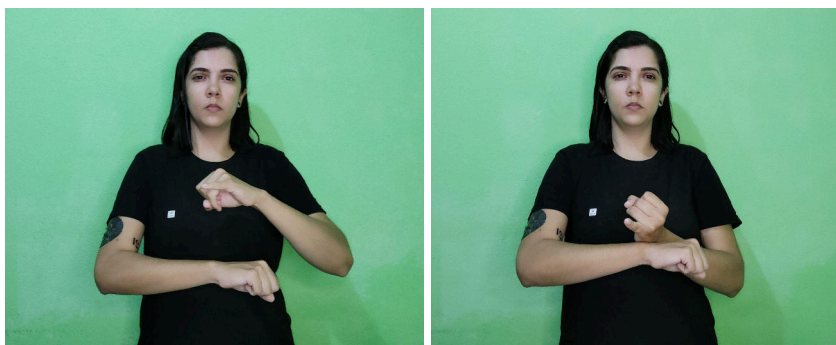


Fonte: Elaboração própria (2023).

8.2.6 Cidade Janduís

Três entrevistados informaram que o sinal desta cidade consiste em fechar uma das mãos e posicioná-la voltada para baixo, enquanto a outra mão realiza o sinal de “J” e toca na mão que está fechada, como na figura 20. O sinal tem formação simples híbrida e sua taxonomia é classificada como grafotopônimo, pois é motivada pela letra inicial do nome da cidade. Veja a ficha 06.

Figura 20: Sinal Janduís/RN

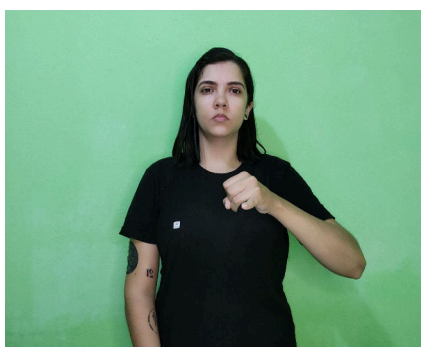


Fonte: Elaboração própria (2023).

Link para visualização do sinal: <https://youtu.be/WOu9pFD7jgw>

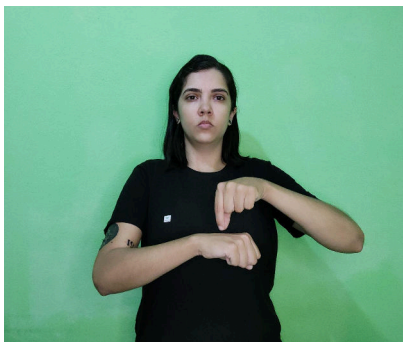
Durante as entrevistas, foram observadas mais duas formas distintas de realizar o sinal da cidade. Na primeira variação, é utilizado apenas o sinal da letra J, conforme ilustrado na figura 21. Já na segunda variação, o sinal é feito com uma mão fechada virada para baixo, enquanto a outra mão assume o formato de pinça, com o dedão e o dedo indicador tocando na mão que está fechada, conforme a figura 22. Sete dos entrevistados não souberam responder qual seria o sinal da cidade.

Figura 21: Variação 1 do sinal Janduís/RN



Fonte: Elaboração própria (2023).

Figura 22: Variação 2 do sinal Janduís/RN



Fonte: Elaboração própria (2023).

8.2.7 Cidade Martins

Oito participantes responderam que o sinal da cidade de Martins é realizado com a configuração de mão fechada virado para baixo, e com a outra mão em “M”, fazendo o movimento helicoidal para cima, como na figura 23. O sinal é motivado pela letra inicial do nome da cidade, portanto, se classifica como grafotopônimo e sua formação é simples híbrida. Veja a ficha 07.

Figura 23: Sinal Martins/RN

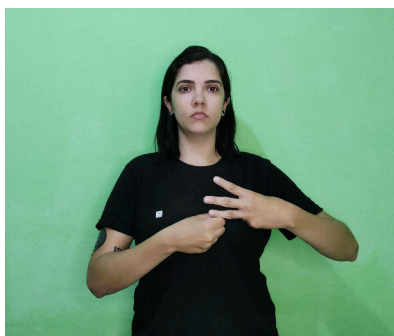


Fonte: Elaboração própria (2023).

Link para visualização do sinal: <https://youtu.be/lAJNkqOZKp0>

Um entrevistado informou um sinal diferente para a cidade, realizado com uma mão fechada e a outra com a configuração de mão em “M” deitado, tocando a mão que está fechada, conforme a figura 24.

Figura 24: Variação do sinal Martins/RN

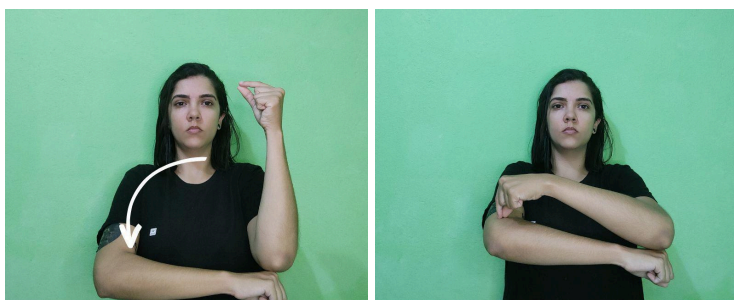


Fonte: Elaboração própria (2023).

8.2.8 Cidade Mossoró

Todos os entrevistados responderam que o sinal da cidade de Mossoró é realizado com uma mão com a configuração fechada, virada para baixo, e a outra mão com a configuração em pinça, fazendo o movimento semicircular para baixo, conforme a figura 25. O sinal tem formação simples, sua motivação se dá pela grande quantidade de bombeio mecânico espalhado pela cidade, sendo classificado então como ergotopônimo. Veja a ficha 08.

Figura 25: Sinal Mossoró/RN



Fonte: Elaboração própria (2023).

Link para visualização do sinal: <https://youtu.be/Nq2fR0DXhtM>

Além do sinal apresentado anteriormente, três entrevistados relataram a existência de outro sinal utilizado anteriormente à criação do novo. Na figura 26 mostra que esse sinal é realizado com a configuração de mão em “M” tocando no antebraço de apoio.

Figura 26: Variação sinal Mossoró/RN



Fonte: Elaboração própria (2023).

8.2.9 Cidade Patu

De acordo com a pesquisa realizada, todos os dez entrevistados que responderam qual é o sinal da cidade de Patu sinalizaram da mesma forma. Na figura 27 podemos ver que o sinal é realizado com uma mão posicionada com a palma virada para baixo servindo de apoio, enquanto a outra mão espalmada faz um movimento sinuoso e depois se fecha. O sinal é classificado como formação simples, é motivado pela serra, que pode ser vista na figura 28. O seu formato é referenciado no movimento da mão, dessa forma, a sua taxonomia é a geomorfotopônimo. Veja a ficha 09.

Figura 27: Sinal Patu/RN

Fonte: Elaboração própria (2023).

Link para visualização do sinal: <https://youtu.be/FDwjETxOK6U>

Figura 28: Serra de Patu

Fonte: Página TodoNatalense no Facebook⁹.

Além do sinal anterior, dois entrevistados informaram mais dois sinais distintos para a cidade. Na figura 29 podemos ver o primeiro sinal, que é realizado com ambas as mãos fechadas, uma em cima da outra, a mão que está em cima se abre e faz o movimento retilíneo para baixo. Na figura 30 vemos o segundo sinal, que é realizado com o dedão, o dedo indicador e o médio abertos, posicionados na boca fazendo o movimento fechando e abrindo.

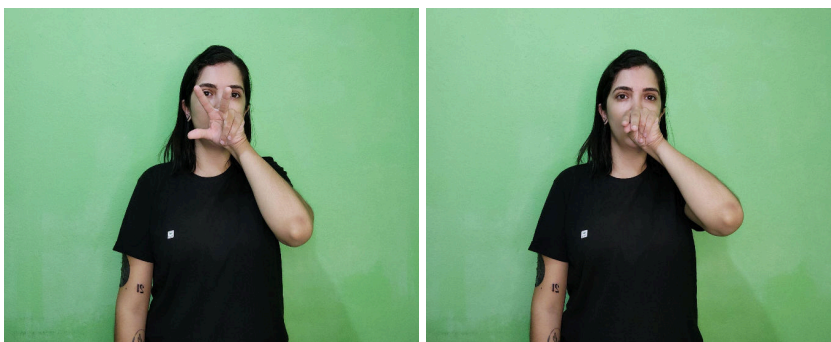
⁹ Disponível em:

<https://m.facebook.com/ToDoNatalense/photos/serra-da-lima-serra-de/629021673842621/?locale=ar_AR>.

Acesso em: 08 abr. 2023.

Figura 29: Variação 1 do sinal Patu/RN

Fonte: Elaboração própria (2023).

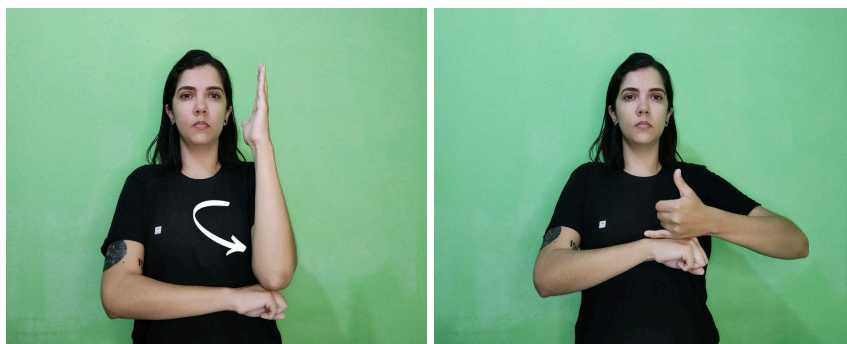
Figura 30: Variação 2 do sinal Patu/RN

Fonte: Elaboração própria (2023).

8.2.10 Cidade Pau dos Ferros

Onze dos doze entrevistados, responderam que o sinal da cidade de Pau dos Ferros é realizado conforme a figura 31, uma mão fechada para baixo e com a outra mão aberta, o cotovelo do braço que está com a mão aberta apoiado na mão fechada, girando no próprio eixo. Depois, a mão que está aberta muda para a configuração em “Y” e toca a mão que está fechada. O sinal tem formação composta, com dois sinais, o primeiro é o sinal de pau e depois o de ferro. A sua taxonomia é fitotopônimo, pois tem sua origem de caráter vegetal. Veja a ficha 10.

Figura 31: Sinal Pau dos Ferros/RN



Fonte: Elaboração própria (2023).

Link para visualização do sinal: <https://youtu.be/JwX6iCu9PLo>

Um dos entrevistados respondeu com outro sinal, que muda apenas a configuração de mão, que permanece em “Y” nos dois momentos, conforme a figura 32.

Figura 32: Variação sinal Pau dos Ferros/RN

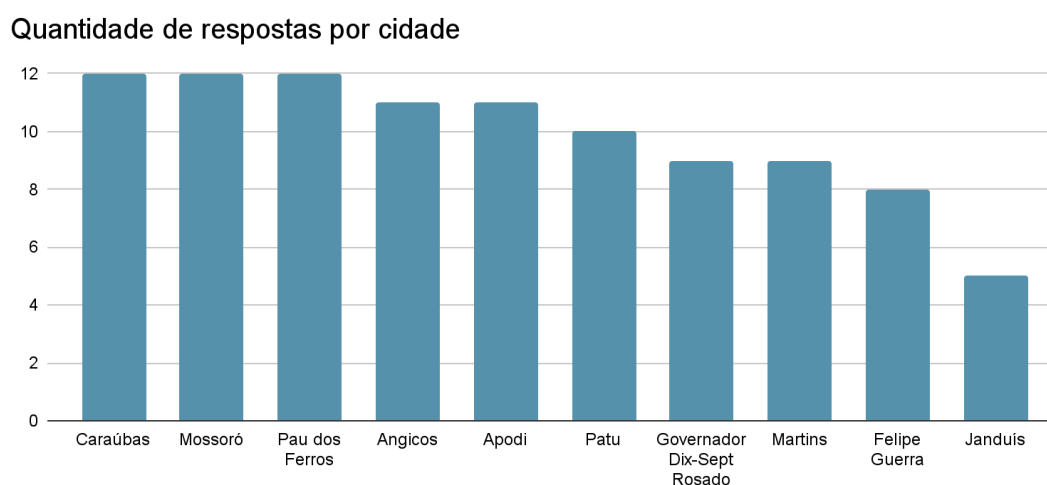


Fonte: Elaboração própria (2023).

9. RESULTADOS E DISCUSSÕES

No gráfico 3, é possível visualizar a quantidade de respostas obtidas para cada cidade. As cidades de Caraúbas, Mossoró e Pau dos Ferros obtiveram respostas dos 12 entrevistados, indicando uma alta disseminação do sinal entre a comunidade acadêmica. Em seguida, as cidades de Angicos e Apodi receberam 11 respostas, enquanto Patu recebeu 10. As cidades Governador Dix-Sept Rosado e Martins obtiveram 9 respostas cada, enquanto Felipe Guerra obteve 8, demonstrando uma menor disseminação do sinal. Já a cidade de Janduí apresentou um resultado inferior, com apenas 5 dos 12 participantes capazes de informar o seu sinal. Mostrando assim que alguns topônimos já são bem conhecidos pela comunidade local e bem consolidados, entretanto, outros topônimos são de pouco conhecimento e uniformização, visto que poucos responderam e houveram algumas variações nas respostas.

Gráfico 3: Respostas obtidas por cidade



Fonte: Elaboração própria (2023).

Dos 10 topônimos analisados, as classificações das taxes ficaram da seguinte forma: 2 ergotopônimos, 2 grafotopônimos, 2 zootopônimos, 1 etnotopônimo, 1 fitotopônimo, 1 geomorfotopônimo e 1 hierotopônimo. Percebemos então que há uma boa distribuição dos topônimos quanto suas taxes, significando assim que a região possui uma diversificação motivacional para os sinais toponímicos.

Nota-se também, que apenas 2 topônimos, o que representa 20% do total, foram classificados como grafotopônimos, com empréstimo por transliteração da letra inicial, ou

seja, usando a letra inicial da palavra em português para formar o sinal (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 66). Isso demonstra que 80% dos topônimos em sinais pesquisados seguem a estrutura lexical da Libras em sua construção. Além disso, foi possível identificar que sinais anteriormente realizados com esse empréstimo já começaram a ser alterados. Um exemplo é o sinal de Mossoró, no qual alguns dos entrevistados relataram que antes o sinal era formado pela letra “M”, conforme mostrado anteriormente e hoje está caindo em desuso.

Há dez anos atrás, Souza-Júnior (2012) identificou esse mesmo sinal para a cidade de Mossoró em seu estudo. Isso destaca a importância de sempre haver novos estudos toponímicos em Libras, para que seja possível a identificação dessas atualizações dos sinais. Além da cidade de Mossoró, Souza-Júnior (2012) também investigou outras quatro cidades presentes neste estudo, são elas: Angicos, Martins, Patu e Pau dos Ferros. Ao compararmos a sua pesquisa, constatamos que as cidades de Martins (figura 33) e Patu (figura 34) também tiveram mudanças em seus sinais, enquanto as cidades de Angicos e Pau dos Ferros mantiveram os mesmos sinais toponímicos.

Figura 33: Sinal Martins na pesquisa de Souza-Júnior



Fonte: Souza-Júnior (2012).

Figura 34: Sinal Patu na pesquisa de Souza-Júnior

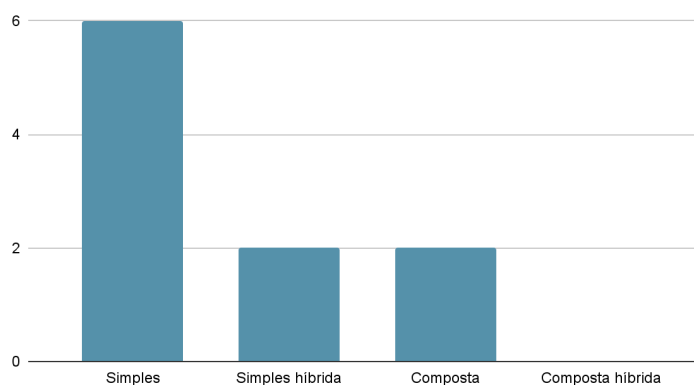


Fonte: Souza-Júnior (2012).

No gráfico 4, podemos observar os números dos topônimos quanto aos aspectos morfológicos. Dos dez sinais pesquisados, constatamos que seis possuem formação simples, dois é simples híbrido, dois são compostos e nenhum sinal observado teve formação composta híbrida.

Gráfico 4: Distribuição dos topônimos quanto às suas formações

Distribuição dos topônimos quanto suas formações.



Fonte: Elaboração própria (2023).

Identificamos 9 variações nas respostas dos entrevistados, distribuídas em seis cidades: Angicos (2), Janduís (2), Martins (1), Mossoró (1), Patu (2) e Pau dos Ferros (1). Essas variações nos sinais correspondem a 60% das cidades pesquisadas, indicando que a Libras é uma língua viva, assim como as línguas orais, sujeita a variações entre seus usuários. Em outras palavras, a diversidade de sinais na Libras evidencia a sua dinamicidade, que varia de acordo com a comunidade linguística em que os usuários estão inseridos (LEAL, 2020a).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados coletados, podemos afirmar que atingimos nossos objetivos nesta pesquisa toponímica. Mapeamos junto à comunidade acadêmica do curso de Licenciatura em Letras Libras, os sinais utilizados para 10 topônimos da região intermediária de Mossoró. Para coletar esses sinais, realizamos entrevistas com a comunidade, que foram gravadas e posteriormente analisadas. Os resultados dessas análises foram registrados neste trabalho em forma de fotografias e vídeos que foram disponibilizados no *YouTube*¹⁰. Os links para cada vídeo estão contidos nas fichas lexicográficas anexadas. Esses registros fotográficos e em vídeos estarão disponíveis para consulta, auxiliando estudantes, professores e TILSPs em seus trabalhos acadêmicos e interpretativos.

Além disso, o estudo toponímico em sinais é importante para a valorização da Libras. Ao mapear os sinais utilizados para topônimos de uma determinada região, estamos registrando e documentando a língua de sinais utilizada por essa comunidade. Essa documentação é muito importante para o reconhecimento e preservação da Libras como língua oficial e como parte da cultura brasileira. Para além disso, a disponibilização desses registros em forma de fotografias e vídeos, promove a acessibilidade linguística para a comunidade surda, permitindo que eles tenham acesso às informações geográficas da região e se sintam valorizados como usuários da Libras. Isso é especialmente importante em contextos acadêmicos e profissionais, onde a falta de informação pode levar à exclusão da comunidade surda. Sousa (2022, p.32) ressalta que a toponímia por ser uma área interdisciplinar, envolvendo a relação entre a cultura, religião, história, geografia e outras disciplinas, oferece uma excelente oportunidade para que os sujeitos surdos possam se envolver como pesquisadores da sua própria língua e refletir sobre como essas diferentes áreas se refletem nela.

Souza-Júnior (2012, p. 38) destaca a problemática de que os dicionários em Libras possuem poucos registros de topônimos, evidenciando, por exemplo, que alguns dicionários se limitam ao registro de sinais de estados e capitais. Realizamos uma consulta ao *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em sua mão*, de Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael, Janice Gonçalves Temoteo e Antonielle Cantarelli Martins (2017), publicado 5 anos depois. O dicionário é composto por três volumes, totalizando mais de 3 mil páginas e 13 mil sinais. No entanto, verificou-se que nenhuma das 10 cidades pesquisadas foi

¹⁰ Os 10 sinais toponímicos identificados nesta pesquisa podem ser vistos na playlist através do link a seguir: https://youtube.com/playlist?list=PL_QG0fqL9ECGV1s_dB2-r5O832McjZkj3.

encontrada. Observa-se, portanto, uma grande necessidade de ampliar os estudos na área, a fim de que os sinais das cidades do interior do Rio Grande do Norte e dos demais estados do país sejam registrados e amplamente conhecidos. Este trabalho representa apenas um primeiro passo, já que foram pesquisados os sinais de apenas 10 dos 68 municípios da região intermediária de Mossoró, deixando muitos outros a serem estudados posteriormente. Assim, é fundamental que se continue a pesquisa para se obter um conhecimento mais aprofundado e completo sobre os sinais utilizados pela comunidade surda nas cidades do interior do Rio Grande do Norte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

BAALBAKI, Angela; RODRIGUES, Isabel Cristina. Meio Legal de Comunicação Versus Língua Oficial: um debate sobre leis. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, v. 27/28, p. 137-150, 2011. Semestral. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao27e28/cronica.pdf>. Acesso em: 22 out. 2022.

BAKER-SHENK, Charlotte; COKELY, Dennis. American Sign Language: a teacher's resource text on grammar and culture. Silver Spring Maryland: T.J. Publishers, 1980.

BATTISON, Robbin. Phonological Deletion in American Sign Language. *Sign Language Studies*, [s. l], p. 1-19, out. 1974. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/pub/18/article/507140/pdf>. Acesso em: 19 jan. 2023.

BRASIL. **Decreto Nº 5.296 de 2 de Dezembro de 2004.**: Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.. Brasília : Diário Oficial da União, 03 dez. 2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm. Acesso em: 01 set. 2022.

BRASIL. **Decreto Nº 5.626, de 22 de Dezembro de 2005.**: Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.. Brasília: Diário Oficial da União, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 01 set. 2022.

BRASIL. **Lei Nº 10.436, de 24 de Abril de 2002.**: Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.. Brasília : Diário Oficial da União, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 01 set. 2022.

BRASIL. **Lei Nº 12.319, de 1 de Setembro de 2010.** Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Brasília : Diário Oficial da União, 2 set. 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2012.319%2C%20DE%201%C2%BA%20DE%20SETEMBRO%20DE%202010.&text=Regulamenta%20a%20profiss%C3%A3o%20de%20Tradutor,Art.. Acesso em: 17 jan. 2023.

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; TEMOTEO, Janice Gonçalves; MARTINS, Antonielle Cantarelli. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a libras em suas mãos**. São Paulo: Edusp, 2017.

CRUZ, Samara Rodrigues. A história da educação de alunos com surdez: ampliação de possibilidades?. **Educação Especial**, Santa Maria, v. 29, p. 373-384, maio de 2016. Disponível em: [file:///C:/Users/jacke/Downloads/A_historia_da_educacao_de_alunos Com Surdez Amplia.pdf](file:///C:/Users/jacke/Downloads/A_historia_da_educacao_de_alunos%20Com%20Surdez%20Amplia.pdf). Acesso em: 14 jan. 2023.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A Motivação Toponímica: princípios teóricos e modelos taxenômicos**. 1980. 351 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Semiótica e Linguística Geral, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-16122022-105612/publico/1980_Maria VicentinaDePaulaDoAmaralDick.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-16122022-105612/publico/1980_Maria%20VicentinaDePaulaDoAmaralDick.pdf). Acesso em: 22 dez. 2022.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Atlas toponímico: um estudo dialetológico. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, p. 61-69, 1998.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

DRUMMOND, Carlos. **Contribuições do Bororo à Toponímia Brasileira**. 1965. 137 f. Tese (Doutorado) - Curso de Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1965. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Adrumond-1965-contribuicao/Drumond_1965_ContribBororoToponimiaBrasilica.pdf. Acesso em: 29 jan. 2023.

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. **Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica**. 2009. 290 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/6547>. Acesso em: 15 abr. 2023.

FELIPE, Tanya Amara; MONTEIRO, Myrna Salerno. **Libras em contexto: curso básico** livro do professor. Brasília: Ministério da Educação, 2007. Disponível em: <https://repositorio.faculdefama.edu.br/xmlui/handle/123456789/13>. Acesso em: 24 jan. 2023.

FIORIN, José Luiz. A linguagem humana: do mito à ciência. In: FIORIN, José Luiz. **Linguística? O que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013. p. 13-43. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/4135/pdf/0?code=tCI8EjanLePxABqxxHjHlmzs8BGzMKveecv2/9HYs9KcL8aBqQ4kuzabB2kNfcuteipA/Htq9VTRXqXFaNl6LQ=>. Acesso em: 14 nov. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1946. 175 p. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 12 jan. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2023.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio 1995. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/38200>. Acesso em: 22 ago. 2022.

GUEDES, Fernando Eustáquio; BARROSO, Fabiane. Análise da motivação toponímica na criação do sinal em Libras da Universidade Federal Norte do Tocantins - UFNT. **Porto das Letras**, Porto Nacional, v. 8, n. 2, p. 1-23, 23 maio de 2022. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/10.20873zt4/20154>. Acesso em: 08 abr. 2023.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias 2017**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. 82 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100600.pdf>. Acesso em: 05 set. 2022.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

JACCOUD, Mylène; MAYER, Robert. A observação direta e a pesquisa qualitativa. *In*: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro. **A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução: Ana Cristina Nasser. 4. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p. 254-294. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1895937/mod_resource/content/1/04_OB-JACCOUD_MAYER.pdf. Acesso em: 27 ago. 2022.

KUMADA, Kate Mamhy Oliveira. **Libras - língua brasileira de sinais**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2016. 256 p.

LEAL, Jéssica Girlaine Guimarães. **Análise da Variação Lexical dos Topônimos em Libras no Sertão Paraibano**. 2020a. 203 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2020. Disponível em: [https://www.uern.br/controladepaginas/ppcl-discentes-turma-2018/arquivos/4885jessica_girlaine_analise_da_variacao_lexical_dos_toponimos_\(...\).pdf](https://www.uern.br/controladepaginas/ppcl-discentes-turma-2018/arquivos/4885jessica_girlaine_analise_da_variacao_lexical_dos_toponimos_(...).pdf). Acesso em: 12 mar. 2023.

NASCIMENTO, Cristiane Batista do. **Terminografia em Língua Brasileira de Sinais Brasileira**: proposta de glossário ilustrado semibilíngue do meio ambiente, em mídia digital. 2016. 222 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/21851?locale=pt_BR. Acesso em: 22 ago. 2022.

PAIVA, Utemara Cristina e Silva; SOUSA, Alexandre Melo de. Toponímia em Libras nas escolas públicas de Rio Branco. **Porto das Letras**, Porto Nacional, v. 8, n. 2, p. 1-23, 18 abr. 2022. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/10.20873ppfm9/10.20873ppfm9>. Acesso em: 07 abr. 2023.

Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Plena em Letras/Libras, Caraúbas, 2014. Disponível em: <https://sigaa.ufersa.edu.br/sigaa/verProducao?idProducao=392944&&key=56401c64d511ae7c815cd4e2b6f2589c>. Acesso em: 13/02/2023

QUADROS, Ronice Müller de. Contextualização dos estudos linguísticos sobre a Libras no Brasil. In: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi; LEITE, Tarcísio de Arantes. **Estudos da Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis: Editora Insular, 2013. p. 15-36. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/178905/Ronice_Muller_de_Quadros%2C_Marianne_Rossi_Stumpf%2C_Tarcisio_de_Arantes_Leite._Estudos_da_Lingua_Brasileira_de_Sinais_I.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 01 set. 2022.

QUADROS, Ronice Müller de. Documentação da Libras. In: SEMINÁRIO IBERO-AMERICANO DE DIVERSIDADE LINGUÍSTICA, 2014, Foz do Iguaçu. Brasília: IPHAN - Ministério da Cultura. vol. 1. 2016. p. 157-174. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Anais5_Seminario_Iberoamericano_de_Diversidade_Linguistica_.pdf. Acesso em: 27 ago. 2022.

QUADROS, Ronice Müller de. **Língua de Herança**: língua brasileira de sinais. Porto Alegre: Penso, 2017. 250 p.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004. 222 p.

ROSA, Igor de Moura Frajano; KRIEGER, Marcelo; ARAUJO, Renata Mattos Eyer de; LAPORTA, Stefano. Mapeamento estruturado da Libras para utilização em sistemas de comunicação. **Maxwell**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 1-2, set. 16. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27352/27352.PDF>. Acesso em: 27 jan. 2023.

SAMPAIO, Theodoro. **O Tupi na Geographia Nacional**. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica, 1901. Disponível em:

http://biblio.wdfiles.com/local--files/sampaio-1901-tupi/sampaio_1901_tupi.pdf. Acesso em: 29 jan. 2023.

SILVEIRA, Luciane Cruz. Toponímia em Libras: a criação de novos sinais de libras referentes aos bairros de Petrópolis. **Porto das Letras**, [S.L.], v. 8, n. 2, p. 1-22, 23 maio de 2022. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/13176/20126>. Acesso em: 13 mar. 2023.

SOUSA, Alexandre Melo de; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Caminhos da Toponímia no Brasil e as contribuições de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. **Revista GTlex**, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 6-19, 8 maio de 2021. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. <http://dx.doi.org/10.14393/lex11-v6n1a2020-1>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTlex/article/download/60925/31571/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

SOUSA, Alexandre Melo; MARTINS, Rozangela Melo. A Motivação Toponímica na Escolha dos Nomes Geográficos de Origem Indígena da Zona Rural da Regional do Baixo Acre. **Tropos: Comunicação, sociedade e cultura**, v. 6, p. 1-6, 2017.

SOUSA, Alexandre Melo de; QUADROS, Ronice Müller de. O web software toponímia em Libras: pesquisa e ensino. In: SOUSA, Alexandre Melo de; GARCIA, Rosane; SANTOS, Tatiane Castro dos. **Perspectivas para o ensino de línguas**. 3. ed. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019. p. 1-184. Disponível em: https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/8013/ebook_perspectivas_volume3final.pdf?sequence=1. Acesso em: 08 abr. 2023.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Toponímia em Libras: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=FTpZEAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 08 abr. 2023.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Toponímia em Libras**. Relatório (Pós-Doutorado - Linguística Aplicada/Libras) - Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2019.

SOUZA-JÚNIOR, José Ednilson Gomes de. **Nomeação de Lugares na Língua de Sinais Brasileira: uma perspectiva de toponímia por sinais**. 2012. 346 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/11923>. Acesso em: 21 dez. 2022.

SOUZA, Kássia Mariano de; NOVODVORSKI, Ariel. Toponímia em Libras: análise da origem motivacional em sinais toponímicos do estado de Goiás. **Revista do Sell: Estudos Linguísticos e Literários**, Uberaba, v. 9, p. 36-54, jun. 2020. Disponível em:

<https://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/sell/article/view/4106>. Acesso em: 12 mar. 2023.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em:

https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf. Acesso em: 01 set. 2022.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA ALUNOS SURDOS E OUVINTES

- 1) Nome completo:
- 2) Idade:
- 3) Sexo:
- 4) Cidade onde mora:
- 5) Com quantos anos você aprendeu Libras?
- 6) Seus pais são surdos ou ouvintes?
- 7) Qual período do curso Letras Libras você está cursando?
- 8) Qual o sinal utilizado para as seguintes cidades:

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA PROFESSORES DO LETRAS LIBRAS

- 1) Nome completo:
- 2) Idade:
- 3) Sexo:
- 4) Cidade onde mora:
- 5) Com quantos anos você aprendeu Libras?
- 6) Seus pais são surdos ou ouvintes?
- 7) Qual a sua formação acadêmica?
- 8) Quanto tempo é professor do Letras Libras?
- 9) Qual o sinal utilizado para as seguintes cidades:

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA TILSP DA UFERSA CARAÚBAS

- 1) Nome completo:
- 2) Idade:
- 3) Sexo:
- 4) Cidade onde mora:
- 5) Com quantos anos você aprendeu Libras?
- 6) Seus pais são surdos ou ouvintes?
- 7) Quanto tempo é TILSP na UFERSA Caraúbas?
- 8) Qual o sinal utilizado para as seguintes cidades:

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE**

(Em 02 vias, firmado por cada participante-voluntário(a) da pesquisa e pelo responsável)

Você está sendo convidado a participar como voluntário da pesquisa intitulada “Mapeamento dos topônimos em Libras da Região Geográfica Intermediária de Mossoró”, realizada pela graduanda Jackelyne Feitosa Menezes, aluna do curso de Licenciatura Plena em Letras Libras, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), sob a orientação da Profa. Ma. Jéssica Girlaine Guimarães Leal.

Esta pesquisa tem por objetivos mapear os sinais utilizados para os topônimos da região geográfica intermediária de Mossoró; analisar quais são os topônimos utilizados pela comunidade surda local; contribuir para o trabalho interpretativo, reafirmar a importância da língua brasileira de sinais para indivíduos surdos e registrar os topônimos para uma melhor difusão.

Solicitamos a sua colaboração para realização de entrevista como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista científica (se for o caso). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador (a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso).

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considerem necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa ou Responsável Legal

OBSERVAÇÃO: (em caso de analfabeto - acrescentar)

Espaço para impressão datiloscópica

Assinatura da Testemunha

Contato do Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora **JACKELYNE FEITOSA MENEZES**, graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi Árido- UFERSA - *Campus* Caraúbas.

Telefone: (84) 99108-6339

E-mail: jackelynefm@gmail.com

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do Pesquisador Participante

ANEXO A - FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

PESQUISA: Mapeamento dos Topônimos em Libras da Região Geográfica Intermediária de Mossoró

PESQUISADORA: Jackelyne Feitosa Menezes

ORIENTADORA: Jéssica Girlaine Guimarães Leal

TIPO DE FONTE: (X) Oral () Documental

FICHA	01	ACIDENTE	Cidade	TIPO	Humano
TOPÔNIMO EM LÍNGUA PORTUGUESA				Angicos	
TOPÔNIMO ANGICOS EM LIBRAS				https://youtu.be/u65LOo8c_YQ	
TOPÔNIMO ANGICOS EM SIGNWRITING					
					
LOCALIZAÇÃO			https://goo.gl/maps/6Z16tG7ErUc73Cj98		
TAXINOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS				Hierotopônimo	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA				Simples	
CONTEXTO			Semelhança do nome da cidade com a palavra ANJO.		

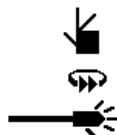
FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

PESQUISA: Mapeamento dos Topônimos em Libras da Região Geográfica Intermediária de Mossoró

PESQUISADORA: Jackelyne Feitosa Menezes

ORIENTADORA: Jéssica Girlaine Guimarães Leal

TIPO DE FONTE: (X) Oral () Documental

FICHA	02	ACIDENTE	Cidade	TIPO	Humano
TOPÔNIMO EM LÍNGUA PORTUGUESA				Apodi	
TOPÔNIMO APODI EM LIBRAS				https://youtu.be/Jqiqn3HFASU	
TOPÔNIMO APODI EM SIGNWRITING					
					
LOCALIZAÇÃO			https://goo.gl/maps/czDeaw2cjCpix8yn8		
TAXINOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS				Ergotopônimo + Etnotopônimo	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA				Composta	
CONTEXTO			O sinal é motivado pelo calçadão construído às margens da Lagoa de Apodi, bem como aos índios nativos que habitavam aquele lugar.		

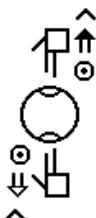
FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

PESQUISA: Mapeamento dos Topônimos em Libras da Região Geográfica Intermediária de Mossoró

PESQUISADORA: Jackelyne Feitosa Menezes

ORIENTADORA: Jéssica Girlaine Guimarães Leal

TIPO DE FONTE: (X) Oral () Documental

FICHA	03	ACIDENTE	Cidade	TIPO	Humano
TOPÔNIMO EM LÍNGUA PORTUGUESA				Caraúbas	
TOPÔNIMO CARAÚBAS EM LIBRAS				https://youtu.be/zUIR9Mq-x5A	
TOPÔNIMO CARAÚBAS EM SIGNWRITING					
					
LOCALIZAÇÃO			https://goo.gl/maps/qi5s3TPeD9x1hJht9		
TAXINOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS				Zootopônimo	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA				Simples	
CONTEXTO			Sinal CARNEIRO se referindo a uma famosa família da cidade, a família Carneiro.		

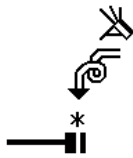
FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

PESQUISA: Mapeamento dos Topônimos em Libras da Região Geográfica Intermediária de Mossoró

PESQUISADORA: Jackelyne Feitosa Menezes

ORIENTADORA: Jéssica Girlaine Guimarães Leal

TIPO DE FONTE: (X) Oral () Documental

FICHA	04	ACIDENTE	Cidade	TIPO	Humano
TOPÔNIMO EM LÍNGUA PORTUGUESA				Felipe Guerra	
TOPÔNIMO FELIPE GUERRA EM LIBRAS				https://youtu.be/swg0JWK-VQs	
TOPÔNIMO FELIPE GUERRA EM SIGNWRITING					
					
LOCALIZAÇÃO			https://goo.gl/maps/3jSHCAGPVBi9TukU8		
TAXINOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS				Zootopônimo	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA				Simples	
CONTEXTO			Sinal ABELHA.		

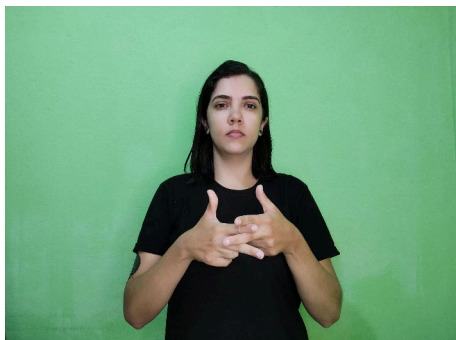
FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

PESQUISA: Mapeamento dos Topônimos em Libras da Região Geográfica Intermediária de Mossoró

PESQUISADORA: Jackelyne Feitosa Menezes

ORIENTADORA: Jéssica Girlaine Guimarães Leal

TIPO DE FONTE: (X) Oral () Documental

FICHA	05	ACIDENTE	Cidade	TIPO	Humano
TOPÔNIMO EM LÍNGUA PORTUGUESA				Governador Dix-Sept Rosado	
TOPÔNIMO GOVERNADOR DIX-SEPT ROSADO EM LIBRAS				https://youtu.be/CayQ7C6af58	
TOPÔNIMO GOVERNADOR DIX-SEPT ROSADO EM SIGNWRITING					
					
LOCALIZAÇÃO			https://goo.gl/maps/WtL1P93xEZna6xMz6		
TAXINOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS				Ergotopônimo	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA				Simples	
CONTEXTO			Motivado pela arquitetura dos portais das entradas da cidade.		

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

PESQUISA: Mapeamento dos Topônimos em Libras da Região Geográfica Intermediária de Mossoró

PESQUISADORA: Jackelyne Feitosa Menezes

ORIENTADORA: Jéssica Girlaine Guimarães Leal

TIPO DE FONTE: (X) Oral () Documental

FICHA	06	ACIDENTE	Cidade	TIPO	Humano
TOPÔNIMO EM LÍNGUA PORTUGUESA				Janduís	
TOPÔNIMO JANDUÍS EM LIBRAS				https://youtu.be/WOu9pFD7jgw	
TOPÔNIMO JANDUÍS EM SIGNWRITING					
					
LOCALIZAÇÃO			https://goo.gl/maps/rLc6niu34yPFZVnv8		
TAXINOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS				Grafotopônimo	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA				Simples híbrida	
CONTEXTO			Sinal motivado pela letra inicial da cidade.		

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

PESQUISA: Mapeamento dos Topônimos em Libras da Região Geográfica Intermediária de Mossoró

PESQUISADORA: Jackelyne Feitosa Menezes

ORIENTADORA: Jéssica Girlaine Guimarães Leal

TIPO DE FONTE: (X) Oral () Documental

FICHA	07	ACIDENTE	Cidade	TIPO	Humano
TOPÔNIMO EM LÍNGUA PORTUGUESA				Martins	
TOPÔNIMO MARTINS EM LIBRAS				https://youtu.be/lAJNkqOZKp0	
TOPÔNIMO MARTINS EM SIGNWRITING					
					
LOCALIZAÇÃO			https://goo.gl/maps/GfHeGWMW5spBBiMS9		
TAXINOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS				Grafotopônimo	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA				Simples híbrida	
CONTEXTO			Sinal motivado pela letra inicial da cidade.		

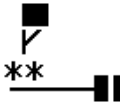
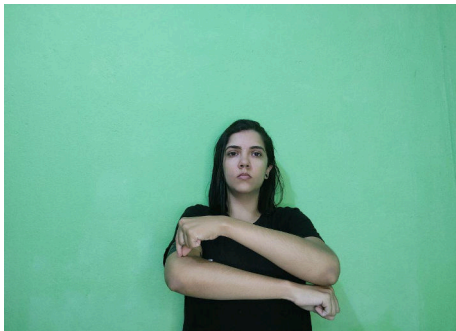
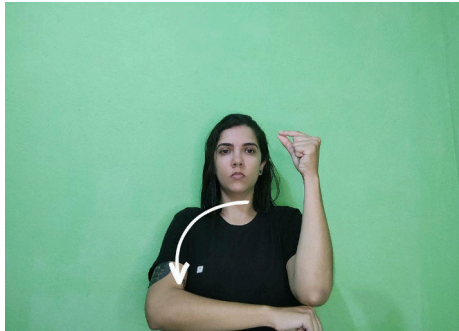
FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

PESQUISA: Mapeamento dos Topônimos em Libras da Região Geográfica Intermediária de Mossoró

PESQUISADORA: Jackelyne Feitosa Menezes

ORIENTADORA: Jéssica Girlaine Guimarães Leal

TIPO DE FONTE: (X) Oral () Documental

FICHA	08	ACIDENTE	Cidade	TIPO	Humano
TOPÔNIMO EM LÍNGUA PORTUGUESA				Mossoró	
TOPÔNIMO MOSSORÓ EM LIBRAS				https://youtu.be/Nq2fR0DXhtM	
TOPÔNIMO MOSSORÓ EM SIGNWRITING					
					
LOCALIZAÇÃO			https://goo.gl/maps/xJD9LjFSMxTVne2K9		
TAXINOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS				Ergotopônimo	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA				Simples	
CONTEXTO			Existem vários bombeios mecânicos espalhados na cidade extraindo petróleo.		

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

PESQUISA: Mapeamento dos Topônimos em Libras da Região Geográfica Intermediária de Mossoró

PESQUISADORA: Jackelyne Feitosa Menezes

ORIENTADORA: Jéssica Girlaine Guimarães Leal

TIPO DE FONTE: (X) Oral () Documental

FICHA	09	ACIDENTE	Cidade	TIPO	Humano
TOPÔNIMO EM LÍNGUA PORTUGUESA				Patu	
TOPÔNIMO PATU EM LIBRAS				https://youtu.be/FDwjETxOK6U	
TOPÔNIMO PATU EM SIGNWRITING					
					
LOCALIZAÇÃO			https://goo.gl/maps/Q1ZKjNqbapXcroym8		
TAXINOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS				Geomorfotopônimo	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA				Simples	
CONTEXTO			Motivado pelo formato da serra.		

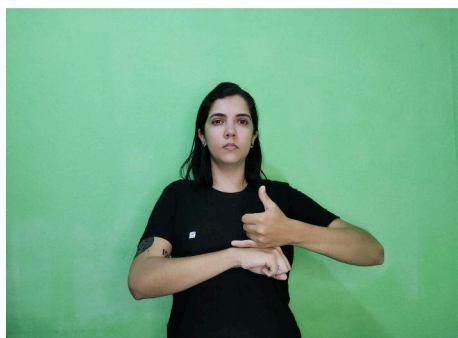
FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA

PESQUISA: Mapeamento dos Topônimos em Libras da Região Geográfica Intermediária de Mossoró

PESQUISADORA: Jackelyne Feitosa Menezes

ORIENTADORA: Jéssica Girlaine Guimarães Leal

TIPO DE FONTE: (X) Oral () Documental

FICHA	10	ACIDENTE	Cidade	TIPO	Humano
TOPÔNIMO EM LÍNGUA PORTUGUESA				Pau dos Ferros	
TOPÔNIMO PAU DOS FERROS EM LIBRAS				https://youtu.be/JwX6iCu9PLo	
TOPÔNIMO PAU DOS FERROS EM SIGNWRITING					
 					
LOCALIZAÇÃO			https://goo.gl/maps/X3FA2LviTFJVxEzr5		
TAXINOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS				Fitotopônimo	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA				Composta	
CONTEXTO			Sinal de PAU + FERRO.		